UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

Dengue midiática: a construção da doença em um jornal
regional da cidade portuária de Santos, São Paulo, Brasil

Taís Vargas Freire Martins Lucio

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Saúde Pública para
obtenção do título de Doutora em
Ciências.

Área de Concentração: Epidemiologia

Orientador: Prof. Dr. Delsio Natal

São Paulo

2017

Dengue midiática: a construção da doença em um jornal regional da cidade portuária de Santos, São Paulo, Brasil

Taís Vargas Freire Martins Lucio

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Área de Concentração: Epidemiologia

Orientador: Prof. Dr. Delsio Natal

VERSÃO REVISADA

São Paulo

2017

Nome: LUCIO, Taís Vargas Freire Martins

Título: Dengue midiática: a construção da doença em um jornal regional da cidade portuária de Santos, São Paulo, Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Aprovada em: __/__/__

Banca examinadora:

Prof. Doutor: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Doutor: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Doutor: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Doutor: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Doutor: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Sarah e José Pedro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que eu chegasse até aqui.

À minha mãe e aos meus irmãos, que sempre me apoiaram e nunca duvidaram que eu conseguiria.

Ao meu pai, que com certeza intercedeu por mim.

Ao meu marido, Sérgio, pelo companheirismo, incentivo, amor e paciência.

Aos meus filhos Sarah e José Pedro, que inúmeras vezes deixaram de ter a minha companhia, mas que entenderam que era preciso naquele momento.

Ao meu orientador, professor Delsio Natal, pelas aulas, orientação e amizade.

Aos amigos e às amigas que conheci nesta caminhada na Faculdade de Saúde Pública e na Escola de Comunicação e Artes.

Aos professores que me acompanharam e me ensinaram muito mais do que eu imaginava aprender, principalmente sobre mosquitos!

À jornalista, amiga e revisora Cláudia Malinverni.

Ao Jornal *A Tribuna* e aos atenciosos funcionários que me receberam e permitiram que fizesse minha pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo financiamento do projeto.

LUCIO, Taís Vargas Freire Martins. **Dengue midiática**: a construção da doença em um jornal regional da cidade portuária de Santos, São Paulo, Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RESUMO

A dengue é a arbovirose urbana mais importante em saúde pública atualmente. A forma mais eficaz de controlar a doença é combatendo o mosquito *Aedes aegypti*, o vetor do vírus, que, além da dengue, também transmite a febre amarela urbana, a febre chikungunya e o zika. O objetivo geral deste estudo é identificar e analisar as temáticas veiculadas na imprensa escrita sobre a doença dengue na cidade portuária de Santos, no litoral sul do estado de São Paulo. Principal município da Região da Baixada Santista, Santos também abriga o maior porto do país. O objetivo específico deste trabalho é verificar se existem no noticiário informações sobre o controle integrado do mosquito *Aedes aegypti*, principal forma de controle da doença. De caráter qualitativo, esta tese submeteu o noticiário veiculado pelo jornal *A Tribuna*, o principal da região, à análise de conteúdo, buscando identificar nas mensagens jornalísticas a abordagem sobre a dengue, no período de 2012 a 2015. A pesquisa se justifica por ser a dengue endêmica na Região da Baixada Santista e pelo fato de os veículos de comunicação de massa exercerem influência na formação de opinião e na disseminação do conhecimento científico de interesse público. Os resultados encontrados na análise quantitativa demonstram maior frequência para os temas relacionados à incidência e à letalidade da dengue. A análise qualitativa dos textos demonstrou que temas relacionados ao controle do mosquito *Ae.aegypti* foram encontrados, porém não se encontrou notícias sobre o controle biológico, o que indica que o controle integrado do vetor não é abordado pela mídia. Este estudo propõe uma reflexão sobre o papel da mídia como agente propagador de informação geral e em saúde, postulando que a informação sobre dengue deve atingir a população de forma que ela se mobilize e atue como agente cuidador de sua própria saúde e da saúde do ambiente em que vive, como forma de eliminação da doença na região.

Palavras-chave: Dengue; Epidemia; Comunicação em Saúde; Meios de Comunicação de Massa; Jornalismo; Pesquisa Qualitativa; Análise de Conteúdo.

LUCIO, Taís Vargas Freire Martins. **Dengue media:** the construction of the disease in a regional newspaper of the port city of Santos, São Paulo state, Brazil. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ABSTRACT

Dengue is the most importante urban arbovirus in Public Health today. The most effective way to control the disease is by fighting the *Aedes aegypti* mosquito, the vector of the virus, which in addition to dengue also transmits urban yellow fever, chikugunia fever and zika. The general objective of this study is to identify and analyze the themes presented in the written press about dengue disease in the port city of Santos, on the southern coast of the state of São Paulo. The main municipality of the Baixada Santista Region, Santos also houses the largest port of the country. The specific objective of this work is to verify if information on the integrated control of the *Aedes aegypti* mosquito, the main form of disease control, exists in the news. In a qualitative way, this thesis submitted the news story published by *A Tribuna*, the main newspaper in the region, to content analysis, seeking to identify in the journalistic messages the approach on dengue in the period from 2012 to 2015, The research is justified because it is the Endemic dengue fever in the Region of Baixada Santista and the fact that mass communication vehicles have exerted influence in the formation of opinion and in the dissemination of scientific knowledge of public interest. The results found in the quantitative analysis show that subjects related to the control of the *Aedes aegypti* mosquito were found, but no news was found about the biological control, wich indicates that the integrated control of the vector is not approached by the media. This study purposes a reflection on the role of the media as a propagating agent of general and health information, postulating that information about dengue should reach the population so that it can mobilize and act as caregiver for their own health and the health of the environment in which it lives, as a way of eliminating the disease on the area.

Keywords: Dengue; Epidemic; Health Communication; Mass Communication; Journalism; Qualitative research; Content analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 A DENGUE, O VETOR E A TRANSMISSÃO	10
1.2 OS PORTOS DO MUNDO E O PORTO DE SANTOS NO CENÁRIO DA DENGUE	15
1.3 O MANEJO INTEGRADO DO <i>Aedes aegypti</i>	20
1.4 A COMUNICAÇÃO EM SAÚDE E O JORNALISMO	22
2 OBJETIVOS	27
2.1 GERAL	27
2.1.1 ESPECÍFICOS	27
3 REFERENCIAL TEÓRICO	28
3.1 BASES TEÓRICAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	28
3.2 OS PRIMÓRDIOS DO JORNALISMO IMPRESSO	34
3.2.1 O JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	35
3.2.2 NEWSMAKING: O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA	37
3.2.3 FOTOJORNALISMO	40
4 MATERIAIS E MÉTODOS	46
4.1 LOCAL DE ESTUDO	46
4.2 MATERIAL DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS	50
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	53
5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA: O NOTICIÁRIO EM NÚMEROS	55
5.2 ANÁLISE QUALITATIVA: O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O CONTROLE DO VETOR	61
6 CONCLUSÕES	73
7 REFERÊNCIAS	78
ANEXO 1. Amostra não probabilística de semanas compostas	87
ANEXO 2. Noticiário sobre dengue na Baixada Santista	91
ANEXO 3. Análise fotojornalística em noticiário sobre a dengue em Santos	94
ANEXO 4. Análise textual em noticiário sobre a dengue em Santos	95
ANEXO 5. Categoria final e subcategorias sobre a dengue em Santos	97
ANEXO 6. Capas sobre a dengue em Santos no Jornal A Tribuna	98
ANEXO 7. Matérias Jornalísticas sobre a dengue em Santos no Jornal	99

CURRÍCULOS

1 INTRODUÇÃO

1.1 A DENGUE, O VETOR E A TRANSMISSÃO

A dengue é a arbovirose¹ mais importante nos países em que ocorre, constituindo sério problema de saúde pública no mundo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a incidência da doença aumentou 30 vezes nos últimos 50 anos, com uma ocorrência atual estimada entre 50 milhões e 100 milhões de infecções a cada ano em mais de 100 países nos quais se apresenta de forma endêmica² (no Mediterrâneo Oriental, no Sudeste Asiático, no Pacífico Ocidental e nas regiões tropicais da África e das Américas), o que representa risco de infecção de quase metade da população mundial (BARRETO, TEIXEIRA, 2008; WHITEHORN, FARRAR, 2010).

No continente americano, registros indicam que o vírus da doença circulou entre o século XIX e as primeiras décadas do século XX, a partir de quando se observou um “silêncio epidemiológico” (BARRETO; TEIXEIRA, 2008). Segundo esses autores, em 1963, sua reemergência foi verificada em apenas quatro países das Américas, número que saltou para nove em 1979. A grande escalada continental da dengue, contudo, ocorreu anos 1980, quando 25 países da região indicaram a circulação do vírus, apresentando uma tendência rapidamente crescente que culminou, em 2002, na maior pandemia das Américas: 69 nações afetadas, totalizando mais de um milhão de casos (BARRETO; TEIXEIRA, 2008).

A dengue é uma doença viral febril cujo principal vetor no hemisfério ocidental é o mosquito *Aedes aegypti*, que transmite o vírus entre primatas, inclusive o homem (VALLE, PIMENTA, CUNHA, 2015). Para a ocorrência da doença são necessários três componentes: (1) presença do vírus que causa a doença; (2) mosquito vetor que o transmite; e (3) uma pessoa susceptível (CAMINITI, 2015). Importante destacar que, além de transmitir a dengue, o *Ae. aegypti* também é vetor das arboviroses chikungunya,

¹Arbovírus são vírus transmitidos por artrópodes e são assim designados pelo fato de parte de seu ciclo de replicação ocorrer nos insetos, podendo ser transmitidos aos seres humanos e outros animais pela picada de artrópodes hematófagos (LOPES et al, 2014).

² ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Lucha contra dengue**. Dengue y dengue grave. Nota descriptiva. [s.l.], abr. 2017. Disponível em: <<http://www.who.int/denguecontrol/es/>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

zika e febre amarela urbana – esta última registrada pela última vez no Brasil em 1942 (HENRIQUES, DUARTE, GARCIA, 2016; TAUIL, 2010).

O mosquito transmissor do vírus da dengue, à época vetor do agente da febre amarela, foi descrito pela primeira vez em 1762, quando recebeu a denominação latina *Culex aegypti*, ou “mosquito egípcio”. Em 1818, ao descrever o gênero *Aedes*, a comunidade científica percebeu que a espécie *aegypti* guardava semelhanças morfológicas e biológicas com ele e não com as do *Culex*. Dessa constatação se estabeleceu o nome *Aedes aegypti*.³

O mosquito é originário do Egito, de onde se propagou, primeiro, pelas costas leste e oeste do continente africano e, depois, para as Américas e a Ásia, a partir do século XVI, no período das Grandes Navegações. Estudos indicam que o vetor foi introduzido no Novo Mundo, no período colonial, por navios que serviam ao tráfico de escravos. Relatos da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) indicam que a primeira epidemia de dengue nas Américas ocorreu no Peru, no início do século XIX, com surtos no Caribe, Estados Unidos, Colômbia e Venezuela.⁴ Assim como nas demais nações americanas, também no Brasil suspeita-se que o mosquito tenha sido introduzido no período colonial, entre os séculos XVI e XIX, durante nos chamados navios negreiros vindos da África (FORATTINI, 2002).

Os primeiros relatos de dengue em território nacional datam do final do século XIX, em Curitiba (PR), e do início do século XX, em Niterói (RJ).⁵ Após esforços intensos e sistemáticos, empreendidos pelo Estado brasileiro ao longo de toda a primeira metade do século XX, com vistas à erradicação do *Ae. aegypti* para controle da febre amarela urbana, em 1958 a Opas declarou o Brasil livre do mosquito (MALINVERNI, 2011).⁶ Porém, com o abrandamento da vigilância em alguns países e, sobretudo, o aprofundamento das desigualdades socioambientais e a intensificação do processo de globalização econômica (RIBEIRO, 2016), o mosquito foi reintroduzido nas Américas, onde permanece até os dias atuais (BRAGA, SAN MARTIN, 2015).

³ ORIENTAÇÃO E PREVENÇÃO – Pergunta/resposta – Sobre o *Aedes aegypti*. **Portal Saúde**, Brasília [s.d.]. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/301-dengue/14610-curiosidades-sobre-o-aedes-aegypti>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

⁴ DENGUE – VÍRUS E VETOR. **Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ioc.fiocruz.br/dengue/textos/longatraje.html>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

⁵ Idem.

⁶ No mesmo período, a Opas declarou livre do *Ae. aegypti* outras 19 nações das Américas (MALINVERNI, 2011).

No escopo da globalização, a Ásia teve um papel importante no processo que tornou a dengue endêmica, em escala mundial, nas regiões intertropicais, a partir de 1985, acentua RIBEIRO (2016). A autora chama atenção para uma primeira especificidade da dengue: diferentemente da gripe espanhola e da aids, a circulação do vírus transmissor da dengue não se deu no sentido norte-sul global. Deste aspecto redonda um segundo, que revela uma evolução na dinâmica econômica mundial, com a emergência do Sudeste Asiático como polo industrial importante e gerador de fluxos regionais

[...] que propiciaram a circulação dos vírus e dos vetores por intermédio do transporte de carga. O surgimento da dengue após os anos 1980, na América do Sul, se deu por meio da reintrodução do vetor em pneus importados da Ásia (...) O seu desenvolvimento no Sudeste Asiático, sem que houvessem ações eficientes de controle, num contexto de intensos fluxos, fez com que a dengue se tornasse um risco para muitos outros países vinte anos depois (RIBEIRO, 2016, p. 61).

Pertence à família Flaviviridae e ao gênero *Flavivirus*, o vírus da dengue (DENV) foi isolado na década de 1940 – por Kimura em 1943 e Hotta em 1944 –, tendo-se denominado Mochizuki a essa cepa (BARRETO, TEIXEIRA, 2008). Sabin e Schlesinger, em 1945, isolaram a cepa Havaí; Sabin, nesse mesmo ano, identificou outro vírus em Nova Guiné, observando que as cepas tinham características antigênicas diferentes e, por isso, passou a considerar que eram sorotipos do mesmo vírus. As primeiras cepas ele denominou sorotipo 1, enquanto as de Nova Guiné, sorotipo 2. Em 1956, no curso da epidemia de dengue hemorrágica no Sudeste Asiático foram isolados os sorotipos 3 e 4 (MARTINEZ-TORRES, 1990). A partir de então, o complexo dengue passou a ser formado por quatro sorotipos, atualmente designados DENV-1, DENV-2, DENV-3 e DENV-4.

Na região das Américas a doença tem se disseminado na forma de surtos cíclicos que ocorrem a cada 3-5 anos. De acordo com o Ministério da Saúde⁷, no Brasil a transmissão vem ocorrendo continuamente desde 1986, intercalada com epidemias geralmente associadas à introdução de novos sorotipos em áreas anteriormente indenadas ou com alteração do sorotipo predominante. O maior surto brasileiro ocorreu em 2013, com aproximadamente 2 milhões de casos notificados. Atualmente, circulam no país os

⁷Ministério da Saúde. Dengue. **Portal da Saúde**, Brasília [s.d.]. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/dengue>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

quatro sorotipos da doença. No Estado de São Paulo, a dengue foi observada pela primeira vez em 1987 nos municípios de Araçatuba e Guararapes. Pouco tempo depois, no verão de 1990, uma grande epidemia atingiu a cidade de Ribeirão Preto, se espalhando em seguida por toda a região (VILLELA, 2016).

Na Baixada Santista a transmissão de dengue teve início em 1997, com o surgimento dos primeiros casos autóctones após dois anos da infestação do *Aedes aegypti*: “[...] ali, se observa a problemática da doença com maior grau de complexidade e gravidade já verificado no Estado” (FERNANDES, NATAL, DOMINGOS, 2014, p.6).

Esses fatores, associados a condições precárias de saneamento básico e moradia, bem como a aspectos culturais e educacionais, propiciam condições ecológicas favoráveis à transmissão dos vírus da dengue pelo *Aedes aegypti*, que se adaptou perfeitamente a esse ambiente por meio do processo de domiciliação (FORATTINI, 1992). Para a Opas (1997), a dinâmica da transmissão do vírus do dengue é determinada pela interação do ambiente, do agente, da população de hospedeiros e de vetores, que existem juntos num *habitat* específico. A magnitude e a intensidade da interação irão definir a transmissão da doença em uma comunidade, região ou país.

De acordo com *Manual de dengue e manejo clínico*, publicado pelo Ministério da Saúde em de 2016, a infecção pelo vírus dengue pode ser assintomática ou sintomática (BRASIL, 2016). Quando sintomática, causa uma doença sistêmica e dinâmica de amplo espectro clínico, que vai de poucos sintomas até quadros graves, podendo evoluir para óbito. O homem é o único hospedeiro capaz de desenvolver as formas clínicas da doença, que são três: febril, crítica e de recuperação. A fase febril é a primeira manifestação da doença, com a pessoa infectada apresentando febre de 39°, que dura de dois a sete dias – após esse período ela se recupera. A fase crítica surge quando o paciente não melhora com o declínio da febre e surgem os sinais de alarme: dor abdominal intensa, sangramento das mucosas, vômitos persistentes, letargia, diminuição considerável das plaquetas, podendo a doença evoluir para dengue grave ou dengue por choque, que leva a óbito. A última fase é a recuperação do paciente. Nos casos graves a doença evolui e o paciente morre (TAUIL, 2007).

Os vírus da dengue são mantidos na natureza por um ciclo de transmissão envolvendo vertebrados primatas, ser humano e fêmeas do mosquito do gênero *Aedes*. O *Ae. aegypti* participa do ciclo urbano da doença. Ao picar uma pessoa suscetível para se alimentar a fêmea infectada transmite o vírus através da saliva, e como ela faz ingestões múltiplas para se alimentar durante um único ciclo gonadotrófico, é capaz de infectar

mais pessoas em menor tempo. Após a ingestão de sangue contaminado, é necessário um período de incubação extrínseco, que dura de 8 a 12 dias, para que o vírus se replique e migre para as glândulas salivares do mosquito. Só depois desse período a fêmea está apta para infectar outro suscetível, em um novo repasto sanguíneo (OLIVEIRA, 2015).

A dengue tem uma característica particular que é a sua transmissão essencialmente urbana. Por esse motivo sua concentração se dá nas grandes cidades, principalmente nos aglomerados humanos. Além de o crescimento urbano apresentar contingente de indivíduos suscetíveis e infectados concentrados em áreas restritas, as condições precárias de saneamento, de moradia e falhas na educação também contribuem para a proliferação do vetor (COSTA, NATAL, 1998).

As fêmeas do mosquito depositam seus ovos em recipientes com água e de uso doméstico, entre os quais pratos para o suporte de vasos com plantas, caixas d'água, ralos, ou recipientes abandonados que armazenam água de chuva, como pneus, latas, garrafas e piscinas sem tratamento, entre outros. Atualmente, com a atuação do manejo ambiental e/ou mecânico, no esforço para a redução de oferta de criadouros artificiais, e também pela plasticidade do vetor é possível encontrar ovos em criadouros naturais, como ocos de árvores, mesmo se localizados nas áreas urbanas. De forma rara, mas já comprovada cientificamente, existe a transmissão ovariana ou vertical, quando a fêmea transmite o vírus diretamente para sua prole (LIMA-CAMARA, URBINATTI, CHIARAVALLOTTI NETO, 2016).

O controle do mosquito *Ae. aegypti* pode ocorrer de várias formas, entre as quais a aplicação de inseticidas (larvicidas e adulticidas), mutirões de limpeza e destruição de criadouros, campanhas oficiais veiculadas nos meios de comunicação em massa e até investimentos em pesquisas de desenvolvimento de vacina e outros métodos que possam prevenir a doença. O fato de o *Ae. aegypti* ser um inseto muito adaptado às condições urbanas atuais torna o seu controle um processo complexo, que exige ações coordenadas de múltiplos setores da sociedade, além de mudanças de hábitos culturais arraigados na população (TAUIL, 2007). Apesar dos esforços na tentativa de controlar a doença, a manutenção de altas taxas de incidência de dengue no Brasil e em várias partes do mundo é indicativa de alguma falha nas estratégias empregadas (BARRETO, TEIXEIRA, 2008).

1.2 OS PORTOS DO MUNDO E O PORTO DE SANTOS NO CENÁRIO DA DENGUE

Os portos têm posição de destaque na economia mundial. Por promover a troca de mercadorias e estabelecer relações conjuntas de trabalhadores, empregadores oficiais e não oficiais, a atividade portuária é marcada pela diversidade e complexidade:

A organização da atividade portuária está diretamente vinculada à base tecnológica da indústria marítima, que se baseia em três componentes fundamentais: os tipos de cargas a serem transportadas (diversidades de peso, medidas e condições de acondicionamento); variedade na dimensão e no estado de conservação das embarcações e dos instrumentos de trabalho necessários para o desenvolvimento da atividade de movimentação das mercadorias (QUEIRÓZ, MACHIN, COUTO, 2015, p. 34).

Os portos ao redor do mundo têm muito em comum, mesmo na comparação entre aqueles localizados em países desenvolvidos e aqueles em desenvolvimento. Em termos de força de trabalho portuário, “[...] de Xangai a Nova York ou Marselha é possível identificar (...) alto grau de solidariedade” (QUEIROZ, GERALDO, 2015, p. 35). No porto, a heterogeneidade das cargas define a remuneração, o que classifica os trabalhos como “mais nobres” ou “menos nobres”, como, por exemplo, o carregamento de produtos tóxicos ou a granel, que exige força física e tem baixa remuneração. Segundo SILVA (2003), esses elementos estão presentes em vários portos ao redor do mundo.

Uma segunda característica importante do porto é o caráter sazonal de trabalho dos funcionários em função do comércio marítimo, do período de safras e do clima, o que faz com que os trabalhadores circulem todos os dias no entorno do cais, em busca de trabalho ocasional (*casual work*). Segundo COOPER (2000, p. 543),

O *casual work* parece ter dominado a cena de muitos portos e foi identificado como uma cultura de vida, um *way of life*, mais que um tipo de atividade. No Reino Unido essa cultura estava ligada não só ao espaço do porto em cidades como Londres ou Liverpool, mas a relação com o entorno das docas aos *pubs* (como espaço de comunicação e também de contratação de trabalhadores), com códigos de vestuário e de comportamento também no período de lazer. (...). Com o desenvolvimento industrial no século 19 e com a abundância de trabalho barato em função da imigração e dos navios a vapor, o sistema de trabalho ocasional se fixou na maioria dos portos.

Ainda no âmbito das relações de trabalho, outra característica fundamental diz respeito às etnias da mão de obra historicamente vinculadas às atividades laborais, bem

como o sistema de trabalho ser familiar. Assim, no final do século XIX, no hemisfério norte, os irlandeses dominavam os trabalhos nas docas de Londres e também de Nova York, onde foram seguidos por imigrantes italianos e por parte da população afro-americana (GREEN, 2000). Nesses contextos, a identidade foi construída em torno do trabalho no porto e se estabeleceram gerações com vínculos portuários e étnicos. Somente por volta da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a introdução de máquinas no processo de movimentação de carga, é que o ritmo de trabalho nos portos se aproximou daquele registra na indústria (COOPER, 2000).

Com o passar dos anos e o avanço do capitalismo, também os portos sofreram modificações, acompanhando a dinâmica da globalização e a internacionalização da economia. O principal fator de desenvolvimentos dos portos no mundo está relacionado à intensificação da navegação e crescimento do comércio mundial, como dito, relacionados ao processo de globalização, que, segundo BARBOSA (2001), se caracteriza pela expansão dos fluxos de informação, que atingem todos os países, pelas transações econômicas e pela crescente difusão de valores políticos e morais.

Nos países latino-americanos, a regulamentação do setor ocorreu majoritariamente por meio de decretos e portarias, nas décadas de 1970 e 1980, no que ficou conhecido como “reforma portuária”, caracterizada pela promulgação de leis tidas como modernizantes. No Chile, esse processo aconteceu em 1990, seguido do Uruguai, em 1992, Equador, Argentina e Brasil em 1993 (PÉREZ, 2008).

No Brasil, estudos históricos demonstram que existe uma relação direta entre os portos e o trabalho de escravos e ex-escravos ou escravos libertos (ARANTES, 2005). É possível citar o exemplo da zona portuária do Rio de Janeiro, que no início do século XX era conhecida como “Pequena África”, ou da Bahia, onde a maioria dos negros trabalhava no porto, em 1857.

A atividade portuária de Santos começou praticamente junto com a formação da sociedade brasileira, pois desde 1554 o porto já exportava açúcar. O açúcar era muito cobiçado na Europa e, por isso, passou a ser “a menina dos olhos” do comércio santista, que se estendeu até o final do século XVI (CALDAS, 2008). A retomada do Porto de Santos, de acordo com esse autor, só aconteceu no século XIX, com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, e um pouco depois, graças à expansão cafeeira da Província de São Paulo.

O porto santista cresceu paralelamente às exportações de café, tornando-se sua estrutura ineficaz, o que forçou a modernização e o aparelhamento das atividades

portuárias. Devido à necessidade de atender à crescente exportação, D. Pedro II assinou o Decreto Imperial nº 1.746, em 1869, autorizando a construção de docas e armazéns nos diferentes portos do Império (QUEIRÓZ, GERALDO, 2015). Para CALDAS (2008), o decreto foi um marco no desenvolvimento da atividade portuária brasileira.

Com relação à composição étnica do trabalho, no início a movimentação de cargas nos navios era feita por escravos e trabalhadores livres. Após a alforria, o número de escravos caiu drasticamente, mas Santos continuou ampliando a entrada do negro livre no trabalho portuário, por ser uma cidade onde a campanha abolicionista era forte (GITAHY, 1992). Esse perfil começou a mudar com a chegada de imigrantes para trabalhar na movimentação do café (CALDAS, 2008), tornando-se o Porto de Santos a principal porta de entrada dos imigrantes europeus e asiáticos que vieram para o Brasil, principalmente para São Paulo. Com a introdução da economia cafeeira na Província de São Paulo, o porto santista passou a se destacar no cenário nacional, obrigando à modernização do porto e da cidade, com a ampliação das instalações para escoar a produção cafeeira (CALDAS, 2008).

O porto foi inaugurado oficialmente em 1892, quando a Cia. Docas finalizou a construção do primeiro trecho de cais e recebeu o navio *Nasmyth*⁸, o primeiro a atracar em Santos (GONÇALVES, 1995). Em artigo⁹ publicado no jornal *A Tribuna*, em 17 de junho de 1993, sobre o navio e a inauguração do cais, na série *Rota de Ouro e Prata*, há menção a possíveis epidemias que mantiveram o navio atracado ao cais:

Depois de longa estadia no porto santista – por razões desconhecidas (o vapor pode ter sido retido no porto santista, ou por razões sanitárias – epidemias da época –, ou pela Cia. Docas de Santos, para servir como navio-apoio na construção do cais linear) –, foi para o Rio de Janeiro em janeiro de 1892, voltando para Santos no começo de fevereiro para embarcar café destinado à Europa. Era o início da viagem de número 40 e o início das operações da Cia. Docas de Santos no seu novo cais linear.

Até a década de 1970, quase metade da população santista trabalhava direta ou indiretamente em atividades ligadas ao porto, o que favoreceu a constituição de uma

⁸ A inauguração do Porto de Santos ocorreu com a atracação do navio a vapor *Nasmyth*, da armadora inglesa Lamport & Holt. O navio, construído em 1880, continuou em tráfego até 1902.

⁹ NOVO MILÊNIO. Santos de Antigamente. **A Tribuna**, Santos, 17 jun. 1993. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos158.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

cultura urbana marcada por sólidas redes de comunicação e por famílias portuárias (CALDAS, 2008). Na década de 1980 o processo tecnológico transformou o porto e as relações de trabalho nele até então estabelecidas. Com a modernização portuária houve a implantação de novas tecnologias que automatizaram muitas das funções antes desempenhadas por trabalhadores (TUCCI, 2015). Em 1989, com o fim da concessão do porto à iniciativa privada, a Cia. Docas e o governo federal assumiram a administração e as operações portuárias brasileira. No caso de Santos, a Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp) – uma sociedade de economia mista vinculada à Secretaria de Portos da Presidência da República, portanto uma autoridade portuária – assumiu a administração do complexo.

Com o tempo, Santos intensificou suas ações e, hoje, é considerado o principal porto do país, segundo a Secretaria Nacional de Portos¹⁰, do Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil. O porto santista ocupa hoje o primeiro lugar no ranking latino-americano e caribenho de movimentação de cargas containerizadas, de acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), uma das cinco comissões regionais da Organização das Nações Unidas. Localizado entre Santos e Guarujá, no litoral sul paulista, é o complexo portuário mais importante do país, concentrando em sua área de influência 67% do PIB brasileiro e 90% do PIB estadual. Atualmente, o Porto de Santos, de acordo com informações da autoridade portuária¹¹, possui uma área de influência que inclui os estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, além do Distrito Federal, que em conjunto representam 75 milhões de pessoas e 56% da balança comercial, em valores.

Em 2016, o Porto de Santos alcançou o maior movimento de cargas da sua história para o primeiro semestre do ano, somando 57,77 milhões de toneladas. Os principais itens ali movimentados foram açúcar, soja e milho, respondendo por 41,5% do total nacional. As exportações registraram recorde no primeiro semestre, com 43,25 milhões de toneladas, enquanto as importações (14,51 milhões t) recuaram 10,7% em relação a 2015 (16,25 milhões t). As 10 principais cargas exportadas no período foram: complexo soja, açúcar, milho, celulose, sucos cítricos, óleo diesel, óleo combustível, álcool, café em

¹⁰ SECRETARIA NACIONAL DE PORTOS. Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil.

Disponível em:

<http://www.portosdobrasil.gov.br/@@busca?SearchableText=ranking+de+portos+no+brasil>

_ Acesso em: 20 abr. 2017.

¹¹ PORTO DE SANTOS. **Codesp**. Autoridade portuária. Meio ambiente. Disponível em:

<http://www.portodesantos.com.br/meioAmbiente.php>. Acesso em: 20 abr. 2017.

grãos e gasolina. Em contrapartida, os 5 principais produtos importados período foram: adubo, enxofre, GLP, trigo e soda cáustica.¹²

Figura 1 – Imagem aérea do Porto de Santos.

Fonte: Codesp¹³

Além do fator econômico, há por parte da administração da Codesp grande preocupação com a saúde do trabalhador, expressa em constantes campanhas de prevenção. Com relação à dengue, a companhia mantém um programa¹⁴ de ações de combate ao vetor com demandas que são próprias à área do cais, realizando mutirões que promovem a retirada de recipientes plástico, melhor posicionamento de sucatas para evitar acúmulo de água, monitoria permanente das superfícies superiores dos *containers*, mantendo-as sempre limpas e secas, nivelção dos pisos para impedir a formação de poças d'água. Além disso, nas lajes e marquises é feita a limpeza nos canos condutores e eliminação de depressões que possam acumular água, entre outras medidas para o controle do mosquito.

¹² PORTO DE SANTOS. **Imprensa**. Disponível em: <<http://www.portodesantos.com.br/pressRelease.php?idRelease=1016>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

¹³ Idem.

¹⁴ PORTO DE SANTOS. **Codesp**. Meio ambiente. Disponível em: <http://www.portodesantos.com.br/meioAmbiente.php/saude_seguranca/programas_de_vigilancia_sanitaria.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

1.3 O MANEJO INTEGRADO DO *Aedes aegypti*

O clássico conceito de manejo integrado ou controle integrado do *Aedes aegypti* se constitui da somatória de ações de controle que ocorrem concomitantemente: controle ambiental ou mecânico, controle químico, controle biológico e controle educativo (AXTELL, 1979).

O controle mecânico ou ambiental consiste na adoção de práticas capazes de eliminar o vetor, como retirar e destruir criadouros artificiais que contenham água parada, impedindo que as larvas se desenvolvam e que o mosquito chegue à fase adulta, drenagem de reservatórios e ações de prevenção, entre as quais a instalação de telas em janelas e portas e o uso de mosquiteiros em quartos. Todas essas são medidas de controle ambiental sugeridas pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2009) com vistas à prevenção e ao controle de epidemias de dengue.

O controle biológico é baseado na utilização de organismos que afetam a dinâmica populacional de imaturos de mosquitos, como, por exemplo, o emprego de peixes larvófagos ou invertebrados que predam as larvas e as pupas. Na agricultura também é muito utilizado contra o mosquito o controle biológico (LOPES, 2016). Alternativas como bactérias, fungos e parasitas que liberam toxinas quando aplicados nos criadouros podem reduzir efetivamente a densidade de imaturos (WHO, 2004). Dentre essas possibilidades, as bactérias têm tido ótimo desempenho, como é o caso de preparados a partir de *Bacillus thuringiensis israelensis* (*B.t.i.*) ou *Bacillus sphaericus* (*B.s.*), usados em muitos programas que visam a redução de mosquitos (ZARA et al., 2016).

Os agentes biológicos utilizados no controle do mosquito têm grande vantagem diante da necessidade de se evitar produtos tóxicos ao ambiente e ao homem. Uma alternativa que vem sendo testada é a produção de mosquitos transgênicos, refratários ao vírus, ou mosquitos modificados geneticamente por substâncias que impedem a reprodução do vírus no vetor (MEDLOCK et al., 2009). No início dos anos 2010, foi implantado o Projeto Aedes Transgênico (PAT), uma parceria entre a Moscamed Brasil, primeira e única biofábrica de insetos do país, e o Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo (IBC-USP), que efetuou a liberação de fêmeas do *Ae. aegypti* geneticamente modificadas em áreas de alta incidência da dengue.¹⁵ O mosquito

¹⁵ Entre outubro 2011 e setembro 2012, no âmbito da parceira Moscamed/IBC-USP, foram soltos cerca de 17 milhões de mosquitos transgênicos em dois bairros do município de Juazeiro (BA), levando a população selvagem do inseto à supressão. Em 2013, foi iniciada uma nova

transgênico, diferentemente dos encontrados na natureza, possui um gene modificado que é transmitido aos seus descendentes impedindo-os de chegarem à fase adulta. Isso ocorre quando os ovos postos no meio ambiente, gerados a partir do cruzamento entre os mosquitos transgênicos e as fêmeas selvagens, herdam o gene letal. Responsável pela mortalidade das larvas e pupas, esse gene tem seu funcionamento condicionado à presença ou ausência de um tipo de antibiótico chamado tetraciclina. Na ausência dessa substância, o gene é ativado e produz uma proteína que modifica as taxas de síntese proteica das células da larva, acumulando-se e levando-a à morte. Por sua vez, na presença de tetraciclina, esse processo é bloqueado, a larva deixa de acumular o ativador e se desenvolve.¹⁶

Uma recente alternativa nesse campo é o projeto de cooperação internacional denominado *Eliminate Dengue*¹⁷, que desenvolveu uma estratégia inovadora na qual ocorre uma contaminação do mosquito *Ae. aegypti* por uma bactéria (*Wolbachia pipientis*), impedindo assim a reprodução do vírus. Joop Van Lenteren, ecologista especializado em dinâmica populacional das espécies, reitera a importância do controle biológico como solução sustentável e segura para o ser humano.¹⁸

O controle químico consiste no emprego de larvicidas e adulticidas para reduzir populações de mosquitos. É recomendado apenas nos períodos de epidemias ou em situações emergenciais, sempre como complemento às ações de manejo ambiental. Esse posicionamento é decorrente dos impactos ambientais provocados e também da seleção de populações resistentes aos produtos: “A resistência a inseticidas é atualmente uma das

etapa do PAT, na cidade baiana de Jacobina, onde foram liberados aproximadamente 4 milhões de mosquitos por semana, ao longo de três anos, para o combate à dengue. Disponível em: ROMÃO, B. Linhagem transgênica auxilia a combater mosquito da dengue. **Agência USP de Notícias**, São Paulo, 28 jun. 2013. <<http://www.usp.br/agen/?p=143796>>; MOSCAMDE. **Projeto Aedes Transgênico**. [S.L.] [S.D.] <<http://www.moscamed.org.br/2012/projeto-aedes/1>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

¹⁶Idem.

¹⁷ELIMINATE DENGUE. **Our research program is developing a new approach to control mosquito-transmitted diseases**. Disponível em: <<http://www.eliminatedengue.com/program#sthash.M7xzgLy3.dpuf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

¹⁸CONTROLE BIOLÓGICO É ÚNICO CAMINHO SUSTENTÁVEL, DEFENDE PESQUISADOR HOLANDÊS. **Embrapa**, [s.l.], 14 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/10689976/control-biologico-e-unico-caminho-sustentavel-defende-pesquisador-holandese>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

principais ameaças aos controles de insetos” (VALLE, BELINATO, MARTINS, 2015, p. 93).

O controle educativo consiste na aplicação de conceitos e práticas relacionadas à educação em saúde e ambiental. Agrega várias possibilidades, como campanhas informativas que abordam temas sobre a biologia e a ecologia do vetor, informações acerca da doença e seus sintomas, entre as quais tipos de dengue e de vírus, cuidados com o ambiente e preocupações com os criadouros, descarte irregular do lixo e sua relação com os criadouros, influência dos fatores ambientais na reprodução do vetor. Esse conjunto de informações permite que a população participe ativamente do combate ao mosquito, com o envolvimento nas ações de distintos setores do governo, nas três esferas da gestão pública, sobretudo dos agentes comunitários de saúde (ACS) e dos agentes de combate a endemias (ACE). Ressalte-se que para o controle educativo funcionar é necessária a participação efetiva da população, pois o mosquito tem hábitos antropofílicos e sempre vai estar próximo ao homem e se relacionando com ele.

1.4 A COMUNICAÇÃO EM SAÚDE E O JORNALISMO

Parte da população utiliza majoritariamente os meios de comunicação de massa para se informar sobre assuntos gerais. Em sua obra *Understading media*, McLUHAN (1964, p. 21) nos diz que

[...] o meio é a mensagem, isto significa dizer que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensões de nós mesmos.

Assim, independente do meio de comunicação em que a mensagem está inserida, nós seremos modificados quando recebermos sua mensagem. Entender um determinado assunto a partir das notícias de um jornal impresso é buscar compreender como um objeto simbólico escrito e com enunciados estabilizados produz sentidos.

Neste estudo utiliza-se o conceito de comunicação de massa de McCOMBS e SHAW, teóricos estadunidenses que desenvolveram uma pesquisa cujo objeto principal era a campanha presidencial dos Estados Unidos de 1968. A intenção dos pesquisadores era saber se os temas expostos pelos cidadãos como mais relevantes eram semelhantes aos mais enfatizados pelos meios de comunicação. Ao final do estudo, os teóricos concluíram que os temas mais expostos pela mídia durante a campanha eleitoral eram

muito semelhantes aos mais citados pelos eleitores no decorrer da pesquisa. Como fruto dessa pesquisa eles desenvolveram a hipótese da *agenda-setting*, uma corrente de investigação que postula que os meios de comunicação social podem influenciar os indivíduos em suas escolhas pessoais, de acordo com as informações que recebem da mídia (McCOMBS, 2009).

O meio de comunicação de massa mais antigo que existe, o jornal impresso possui características que valem ser destacadas e que o diferenciam dos demais, como diz CHARAUDEAU (2006, p. 133),

[...] a mídia escrita tem como característica uma relação distanciada entre aquele que escreve e aquele que lê, a ausência física da instância de emissão com a instância de recepção; uma atividade de conceitualização da parte das duas instâncias para representar o mundo, o que produz lógicas de produção e de compreensão específicas; um percurso ocular multiorientado do espaço de escritura, que faz com que o que foi escrito permaneça como um traço para o qual se pode sempre retornar: aquele que escreve para retificar ou apagar, aquele que lê, para rememorar ou recompor sua leitura.

Segundo MARTINS e DE LUCA (2008), o primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense*, foi fundado em 1808 e, curiosamente, era editado em Londres, onde vivia o seu idealizador, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça¹⁹, e depois distribuído no Brasil. Oposicionista e crítico, o jornal discutia os problemas coloniais, posicionando-se fortemente contra a Coroa Portuguesa.

Com a criação da Imprensa Régia (13 de maio de 1808), responsável pela impressão de documentos do Império, aos poucos foram surgindo vários periódicos. “Somente em São Paulo foram registrados cerca de 1.500 títulos no fim do século XIX. Em geral, jornais simples, com duas páginas, eles foram ganhando simpatia da população letrada” (MARTINS, DE LUCA, 2008, p. 7). Os jornais cresceram junto com a nação brasileira e, além de assistir, participaram de todos os acontecimentos históricos e políticos. A história do Brasil e a da imprensa caminham juntas; não há como destacar uma da outra,

¹⁹ Nascido em Colônia do Sacramento, então domínio da coroa portuguesa e hoje pertencente ao Uruguai, Hippolyto (na grafia da época) era filho de uma abastada família do Rio de Janeiro. Depois de atuar como diplomata de Portugal, naturalizou-se britânico para fugir da Coroa Portuguesa, contra a qual passou a atuar. Editou o *Correio Braziliense* até 1823, ano de sua morte. Disponível em: MUSEU DA COMUNICAÇÃO HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. **Hipólito José da Costa**. [s.l.] [s.d.]. [s.l.] <<http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/museu/hipolito-jose-da-costa/>>. Acesso em: 5 maio 2017.

a relação existente é de dependência e crítica, de observação e subserviência, de liberdade e censura, destacam os autores.

Contemporaneamente, a maioria das pessoas obtém mais informações sobre saúde através dos diversos meios de comunicação, notadamente de natureza jornalística – jornais, programas televisivos, radiofônicos, revistas eletrônicas – e menos pela educação formal oferecida na escola (EPSTEIN, 2002). Desde a criação, em 1978, do primeiro suplemento jornalístico especializado em saúde por um veículo de comunicação de massa – o jornal estadunidense *The New York Times* – o interesse da mídia ocidental pelo tema da saúde cresceu exponencialmente, sendo hoje onipresente no cotidiano das populações de diferentes países, inclusive a brasileira (TABAKMAN, 2013). De acordo com MALINVERNI (2016), é cada vez mais comum no chamado jornalismo de massa – aquele não especializado, veiculado em todos os meios (rádio, tevê, jornais, revistas e internet) e o mais acessado pela maioria das pessoas – a exposição de uma ampla gama de assuntos que tratam do processo saúde-doença, desde a produção de novos medicamentos e tecnologias diagnósticas/terapêuticas até a promoção de estilos de vida saudável e superexposição de epidemias e surtos.

Desse modo, a mídia atua como componente fundamental do aprendizado. Discorrer sobre a presença das epidemias na mídia, em particular sobre a dengue, mostra como há envolvimento dos meios de comunicação no tema saúde. De acordo com BARATA (1990, p. 385):

Na área da saúde, o papel preponderante dos meios de comunicação irá se revelar nas situações coletivas, como as epidemias, quando a população se vê indistintamente ameaçada, isto é, a importância da imprensa, enquanto canal de informação/reivindicação é midiaticizada pelo caráter mais ou menos coletivo do agravo em questão, bem como pelo potencial de difusão social do problema.

Segundo ARAÚJO e CARDOSO (2007), o papel da mídia no campo interdisciplinar da comunicação e saúde é essencial, pois “[...] no âmbito das disputas simbólicas, a mídia opera como um dispositivo que potencializa a construção e a circulação de sentidos”. As autoras reforçam ainda que

[...] a relação entre a mídia e saúde tem sido intensa e multifacetada. De um lado, como espaço de disseminação de discursos que na opinião de muitos antagonizam com os das instituições de saúde pública. De outro, como única possibilidade de comunicação mais abrangente e rápida, sendo espaço de circulação de muitas mensagens produzidas pela saúde

(sobretudo campanhas). De um terceiro, como lugar de embate pelo poder simbólico, ou de estratégia nesse mesmo embate, que se origina e se desdobra em outros espaços (ARAÚJO, CARDOSO, 2007, p. 99).

FAUSTO NETO (2007, p. 96) ratifica, ponderando que “[...] diante da ampla tendência à midiaticização da sociedade tudo procura se midiaticizar para garantir visibilidade, numa dinâmica de circularidade entre condição e critério de visibilidade”.

Em uma pesquisa sobre comunicação e dengue em localidade com características geográficas semelhantes às de Santos, LENZI e COURA (2004) e CLARO, TOMASSINI e ROSA (2004) analisaram materiais impressos utilizados na campanha contra a propagação da doença, em 2004, no Rio de Janeiro – que, igualmente, também é uma cidade portuária com ecologia ímpar para a reprodução do *Ae. Aegypti*. Esses autores concluíram que é preciso repensar a forma como as informações são repetidamente divulgadas e levadas ao público, uma vez que, mesmo com ampla divulgação, os índices de infestação do vetor permaneceram altos. Para eles, esse resultado indica que mudanças significativas no comportamento da população não estavam ocorrendo naquela localidade.

Assim como é importante reconhecer as características da doença, também é necessário conhecer as particularidades do lugar, da cidade, das pessoas que vivem em determinada localidade e como elas se relacionam com o meio ambiente. Nesse sentido, este estudo volta-se para a reflexão acerca do papel do jornalismo regional na divulgação de informações sobre dengue, analisando a cobertura desta temática realizada em *A Tribuna*. Jornal regional de maior circulação e abrangência da Baixada Santista, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ)²⁰, sua sede está instalada na cidade de Santos.

Esse estudo justifica-se porque grande parte da população utiliza os meios de comunicação de massa para se informar sobre os assuntos de interesse geral e cotidiano. FERRAZ e GOMES (2012) enfatizam que a dengue nunca deixou de ser notícia, mesmo diante de outras epidemias, porque é uma doença que tem como característica apresentar ciclos epidêmicos que atingem em maior ou menor grau toda a população, a depender da circulação e das condições ambientais e climáticas.

Pesquisar a dengue em Santos também é importante por se tratar de uma cidade portuária e abrigar o maior porto do país, com intensa circulação de mercadorias e

²⁰ A *Tribuna* foi fundada em 26 de março de 1896 por Olympio Lima, e continua em circulação até o momento presente. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/jornais-centenarios-2/>>.

peças. Assim sendo, Santos é uma localidade que possui todas as características favoráveis à disseminação do vetor e, conseqüentemente, do vírus que provoca a doença. A escolha do jornal *A Tribuna* se justifica por ser o jornal impresso de maior abrangência da Baixada Santista, além de ser o maior em circulação de exemplares. Nesse sentido, quanto maior for o número de leitores que recebem informação sobre dengue, maior será a probabilidade de compreensão do problema e da forma de solucioná-lo.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar a divulgação jornalística sobre a dengue em cidade portuária brasileira – Santos, SP –, no período de 2012 a 2015, a partir do noticiário veiculado por *A Tribuna*, jornal regional de maior circulação na Região Metropolitana da Baixada Santista.

2.1.1 ESPECÍFICOS

- a) Identificar, por meio do conteúdo textual informativo e de recursos de imagem, as formas de abordagem das temáticas sobre a dengue no noticiário do jornal regional de maior circulação na região.
- b) Identificar a existência de manejo integrado do *Aedes aegypti* no município de Santos, com base nas notícias do jornal regional.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 BASES TEÓRICAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo (AC) é uma metodologia de investigação das ciências humanas e sociais que permite descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja por meio de falas ou de textos (BARDIN, 2009). Amplamente utilizada na análise de dados qualitativos, a AC implica a investigação de fenômenos simbólicos por meio de um conjunto de técnicas de pesquisa “[...] que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados” (CALIXTO, PINHEIRO, 2014, p. 14).

Os primeiros resquícios da existência de uma técnica similar à da AC datam do século XVIII, quando, na Suécia, em 1640, foram analisados 90 hinos religiosos anônimos denominados *Os cantos de Sião*. Seu objetivo era conhecer o conteúdo (se eram heresias) e seus possíveis efeitos sobre os luteranos (KRIPPENDORF, 1990).

Como metodologia, seu desenvolvimento remonta às primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos, sob forte influência do positivismo. Segundo BARDIN (2009), o primeiro teórico a inscrever seu nome na história da análise de conteúdo foi Harold Dwight Lasswell, psicólogo e cientista social, então vinculado à Universidade de Chicago, que desde 1915 realizava análises quantitativas de imprensa e propaganda. Em 1927, na emblemática obra *Propaganda Technique in the World War*, de 1927, Lasswell definiu o conceito de propaganda a partir da análise da campanha do governo dos Estados Unidos que alterou a opinião pública estadunidense de uma posição contrária para uma favorável à Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Lasswell concluiu que a propaganda, como técnica, influenciava a ação humana através da manipulação das representações simbólicas pelo produtor das mensagens.

Na virada dos anos 1940-1950, o sociólogo estadunidense Bernard Berelson²¹ cunhou a definição clássica da AC: “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação

²¹Investigador de políticas populacionais, entre os pioneiros dos estudos teóricos e empíricos do campo da comunicação política, foi um dos primeiros especialistas da comunicação social a analisar, a partir da década de 1940, os efeitos dos meios de comunicação de massa sobre a opinião pública. Disponível em: <<http://biography.yourdictionary.com/bernard-berelson>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

que tem por invalidez a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BERELSON apud BARDIN, 2009, p. 19). Citado pela maioria dos estudiosos do campo (KIENTZ, 1973; BARDIN, 2009; KRIPPENDORF, 1990; entre outros), na década de 1970 o conceito berelsoniano foi bastante criticado por pesquisadores marxistas, principalmente no tocante à negação dos conteúdos latentes da comunicação.

No mesmo período, Berelson, auxiliado por Paul F. Lazarsfeld²², publicou o primeiro manual de análise de conteúdo. Intitulada *The analysis of communication contentes* (1948), a obra sistematizava as questões epistemológicas do campo e oferecia um conjunto de regras para uso da AC. Para MINAYO (2001), Berelson, Lazarsfeld e Lasswell formam o núcleo fundador da análise de conteúdo como instrumento de pesquisa.

A AC não foi empregada somente nos Estados Unidos. Registros indicam que até o início da década de 1970 os franceses seguiam o conceito de Berelson, sem considerar a contribuição de outras ciências conexas, como a linguística, a semântica, a semiologia, a documentação e a informática (BARDIN, 2009). Na América Latina, a propagação da análise do discurso se deu pelo Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (Ciespal), em 1958, com a criação de estudos de jornalismo comparado iniciados por Jacques Kayser, do Instituto Frances de Imprensa (MARQUES DE MELO, 1972).

Contemporaneamente, a AC é considerada uma técnica híbrida que promove a ligação entre o formalismo estático e a análise qualitativa de materiais, oscilando entre esses dois polos e valorizando o aspecto qualitativo ou o quantitativo, dependendo do interesse e ideologia do pesquisador (BAUER, 2002).

Tomando a inferência como uma maneira lógica de extrair conhecimentos sobre os aspectos da mensagem analisadas, o analista de conteúdo, através dos dados, é capaz de inferir conhecimento sobre o emissor ou sobre o destinatário da comunicação (BARDIN,

²²Austriaco radicado nos Estados Unidos a partir de 1933, ingressou na Universidade de Columbia, onde construiu sua reputação como sociólogo multidisciplinar voltado para as ciências da comunicação e construção de metodologias das ciências sociais, com um legado essencial aos estudos de marketing, publicidade, propaganda e de opinião pública, designadamente no que se refere à análise de conteúdo, à análise de dados e à conceitualização do campo. Disponível em: <<https://lnrj.wordpress.com/teoricos-da-comunicacao/paul-lazarsfeld/>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

2009). Alguns exemplos do uso da AC em diversos campos do conhecimento demonstram como esse método foi facilmente absorvido pelos pesquisadores:

Nas ciências políticas propiciou a descoberta de armas secretas alemãs pelos britânicos, a partir do estudo da propaganda nazista; na psicologia contribuiu para o diagnóstico de pacientes por meio de análise da gravação de entrevistas terapêuticas; na crítica literária, permitiu destacar os traços característicos do estilo de um autor; na sociologia, a compreender a diversidade das mentalidades nacionais, na comunicação de massa, a comparar as atitudes adotadas por diferentes jornais em período eleitoral (FONSECA JR, 2005, p. 281).

Alguns autores destacam outra característica importante da AC: sua utilização com outras técnicas de investigação. PENN (2002) destaca a coesão da AC com a semiologia, enquanto BARBA (1994) destaca sua incorporação pela etnografia.

Tais características foram sendo incorporadas com o tempo, sofrendo a AC influências e modificações em seu conceito inicial. Apesar das diferentes abordagens, contudo, no contexto dos métodos de pesquisa em comunicação a AC segue como uma forma de analisar mensagens que cumpre os requisitos de ser sistemática e confiável. De acordo com LOZANO (1994, p. 141),

[...] a análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo conteúdo analisável. É também confiável – ou objetiva – porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, podem chegar às mesmas conclusões.

Um desafio recente para a AC é a análise de mensagens veiculadas pelas *novas mídias* (internet, *e-books*, CD-ROM, TV segmentada), que alteram as duas características centrais da comunicação de massa tradicionais: a unidirecionalidade e a massificação (LIMA, 2001).

Utilizada para analisar mensagens e conhecer seu conteúdo, na comunicação de massa a AC é bastante utilizada para comparar jornais e conhecer o conteúdo de suas informações (KIENTZ, 1973; KRIPPENDORF, 1990; BARDIN, 2011; BAUER, 2002).

Também pode ser encontrada na análise de diversas áreas do conhecimento, entre as quais a psicologia e a história (FONSECA JR, 2005). Há uma crescente tendência de

seu uso na esfera política – por exemplo, a partir da análise do conteúdo televisivo dos principais telejornais da Itália, a partir da denúncia do Partido Radical Italiano, desde a década de 1980, da desproporção do tempo concedido pelos telejornais daquele país aos candidatos do governo e aos de oposição (DOSSIER RAI, 1982 apud FONSECA JR, 2005) ou, ainda, na Suécia, através do projeto International Clearinghouse on Children and Violence on the Screen, uma parceria entre a Unesco e o governo sueco que analisa as representações de violência na mídia em crianças (JENSEN, 2001). No Brasil, a Agência de Notícias dos Direitos da Criança (Andi) faz um trabalho semelhante na análise de jornais impressos com temas relacionado à infância (FONSECA JR, 2005).

O desenvolvimento do método de análise de conteúdo é o resultado da contribuição de diversos autores (FONSECA JR, 2005). Para Krippendorff (1990, p. 57), a AC “[...] é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reprodutíveis que podem se aplicar a seu contexto”.

Neste estudo foi empregada a proposta de BARDIN (2011), que estruturou o método da análise de conteúdo em cinco etapas, que podem ser visualizadas no fluxograma da figura “Fluxograma de desenvolvimento da análise de conteúdo segundo Bardin (2008), que está na página seguinte.

Figura – Fluxograma de desenvolvimento de análise de conteúdo segundo BARDIN (1988).

Fonte: BARDIN (1988)

1) Organização da análise, que se subdivide em pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A constituição do *corpus*, que é a definição dos documentos que serão analisados, deve obedecer a quatro regras: da exaustividade, na qual todos os documentos referentes ao tema escolhido devem fazer parte do *corpus*; da representatividade, que define a seleção da amostra; da homogeneidade, que determina que os documentos devem ser da mesma natureza; e da pertinência, segundo a qual os documentos devem ser adequados aos objetivos da pesquisa.

2) A codificação (BAUER, 2002) é o processo de transformação dos dados brutos de forma sistemática em dados analisáveis, compreendendo três fases: a escolha das unidades de registro e de contexto; a enumeração; e a escolha das categorias.

3) A categorização, trabalho de classificação e agrupamento das unidades de registro em categorias, segundo BARDIN (2011), pode ser semântica ou temática, sintática, léxica e expressiva. Neste trabalho utilizou-se a categoria semântica ou temática. A categorização (BARROS; TARGINO, 2000; BARDIN, 2011) deve seguir as regras da exclusão mútua, que define que um elemento não pode fazer parte de duas categorias; da homogeneidade, só devem ser incluídas na mesma categoria unidades de registro da mesma natureza; da pertinência, as categorias devem refletir as intenções da pesquisa; da objetividade e fidelidade, os critérios de classificação devem ser objetivos; e da produtividade, produzindo resultados férteis em índice de inferências.

4) A inferência, para a qual a análise do pesquisador deve procurar o sentido que se encontra em segundo plano. No campo da comunicação a inferência é utilizada para reconhecer as condições de produção das mensagens analisadas. De acordo com FONSECA JR (2005), outros tipos de inferências importantes são as concepções ideológicas de uma sociedade, as imagens, o sistema de crenças, os papéis sociais e os clichês, entre outros.

5) O tratamento informático, segundo KRIPPENDORF (1990), implica o uso do computador para fins de pesquisa e processamento de dados alfabéticos, verificado desde o final da década de 1950. Versa sobre análises estatísticas que auxiliam nos estudos e nas descobertas e análise de conteúdo por computador. Podem ser utilizados alguns softwares específicos ou planilhas de dados, como o Excel.

O último passo da análise de conteúdo é a aplicação das técnicas. Segundo BARROS e TARGINO (2000) e BARDIN (2011), a principal técnica utilizada, e também a mais antiga, é a análise categorial, que se baseia no desmembramento do texto em unidades, em categorias analógicas, como a categorização temática, utilizada neste estudo. Outras análises são de avaliação, de enunciação, de expressão, de contingência, estrutural e de discurso.

3.2 OS PRIMÓRDIOS DO JORNALISMO IMPRESSO

De acordo com a Associação Nacional de Jornais (ANJ)²³, o jornalismo impresso é o meio de comunicação de massa mais antigo, tendo origem no século XV com a invenção da prensa pelo alemão Johann Gutemberg. Mas foi no século XIX, a partir do surgimento da *penny press*²⁴, que se verificou uma vertiginosa expansão dos jornais como um negócio lucrativo, emergido no contexto do acelerado desenvolvimento econômico das sociedades industriais (TRAQUINA, 2007). O autor observa que a *penny press*, ao mesmo tempo, possibilitou aos jornais se tornarem *mass media* (mídia de massa) e, com isso, o surgimento de um jornalismo que privilegiava a informação e não a propaganda. Essa distinção pressupôs um novo conceito de notícia, no qual existiria a separação entre fatos e opiniões: “Foi precisamente esta ideia que a chamada *penny press* dinamizou, efectuando assim a mudança de um jornalismo de opinião para um jornalismo de informação” (TRAQUINA, 2007, p. 35-36). Sob esse novo paradigma nasceram os valores éticos ainda hoje identificados com o jornalismo: “[...] as notícias, a procura da verdade, a independência, a objectividade e uma noção de serviço ao público – uma constelação de ideias que dão forma a uma nova visão do ‘polo intelectual’ do campo jornalístico” (TRAQUINA, 2007, p. 20).

Seguindo esse modelo jornalístico dos países centrais, no Brasil a imprensa de massa tem dois marcos fundadores: como já citado, o jornal *Correio Braziliense*, lançado em 1º de junho, e o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro, ambos em 1808.

Ao longo do tempo, alguns títulos ganharam projeção e se firmaram como formadores de opinião de abrangência nacional, há décadas influenciando fortemente os cenários político, econômico, social e cultural do país. São os veículos da chamada grande imprensa, como *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* (sediados na capital paulista) e *O Globo* (do Rio de Janeiro), por exemplo.

²³ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Imprensa brasileira: dois séculos de história. Brasília [s.l.]. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/imprensa-brasileira-dois-seculos-de-historia-2/>>. Acesso em 29 abr. 2017.

²⁴ Referência ao preço cobrado por um exemplar, um centavo, o *penny press* surgiu nos Estados Unidos e representou um novo jornalismo, predominantemente noticioso, politicamente independente, com baixos custos de produção, direcionado para pessoas “comuns”, com discursos simples e que acabaram por competir com jornais de elite. In: GRANDES TEMAS DA HISTÓRIA E DO JORNALISMO. Disponível em: <<http://grandestemasdahistoria.blogspot.com.br/2015/06/penny-press-marca-diferenca.html>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

Mas, no mercado jornalístico, também se destacam publicações menores, em termos de tiragem e circulação, como os jornais de bairro e os regionais, tidos como os que mais se aproximam de seu público. CAMPONEZ (2002) ressalta a importância do jornalismo regional para a comunidade, dado que é a imprensa local que volta seu “olhar” para os acontecimentos e problemáticas cotidianas de uma determinada região. Essa atenção às questões locais praticamente não existe nos meios de comunicação de grande circulação, uma vez que eles não têm condições de abordar as problemáticas relativas à maioria das comunidades receptoras de suas publicações. Para o autor, na era da globalização há um distanciamento cada vez maior entre as notícias e seu público leitor: “Quando as notícias longínquas nos chegam à hora dos noticiários da noite, apercebemo-nos que nada sabemos do que se passou ao fundo da nossa rua” (CAMPONEZ, 2002, p. 38).

No jornalismo impresso regional, postula DJIK (1996), é possível compreender melhor um acontecimento que está geograficamente próximo, em virtude de melhores temas para incluir na conversação do dia a dia. Dito de outro modo, ao ter acesso a notícias regionais, o leitor interage com os acontecimentos da comunidade onde vive, refletindo sobre as questões principais de um dado momento, sugerindo alternativas e reivindicando melhorias para um determinado setor. A participação e o exercício da cidadania surgem como desafios para a prática jornalística, seja em abordagens de temas sociais ou políticos (DJIK, 1996).

3.2.1 O JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

É no escopo desse desenvolvimento da comunicação de massa que o jornalismo vem desempenhando, desde então e cada vez mais, papel central nos processos de construção da realidade nas sociedades contemporâneas (MALINVERNI, CUENCA, BRIGAGÃO, 2012), emergindo, aponta KUCINSKI (2000), como área estratégica para a configuração mediada do espaço público.

Essa construção ocorre no lastro de um processo típico de produção da notícia, o chamado *newsmaking*, detalhado adiante, que determina quais acontecimentos cotidianos serão transformados em notícia (COSTA, 2006). Nessa perspectiva, cada veículo de comunicação adota uma linha editorial que orienta os critérios de seleção para os temas a serem noticiados. Um critério importante é o potencial de abrangência que esse tema apresenta,

pois quanto maior o universo de pessoas atingidas por um fato, maior a probabilidade de ser publicado.

O jornalismo incumbe-se de atualizar o nível de informação da população com velocidade impossível de alcançar por outro meio (...) Pode-se, assim, culpar a imprensa tanto pela amplitude quanto pela superfície do conhecimento que as pessoas têm, fora de suas áreas específicas de atuação (LAGE, 2005, p. 82).

Segundo esse autor, o que caracteriza o texto jornalístico é a presença de informação factual, entendida como o resultado da apuração e do tratamento de dados referentes a um determinado acontecimento. Portanto, o texto básico do jornalismo é a notícia, que se estrutura pela chamada pirâmide invertida (LAGE, 2001). Trata-se de uma estratégia de construção textual que traz a informação mais importante no início e a menos importante no final do texto²⁵, pelo que o leitor apenas pode efetuar a leitura seguindo o roteiro definido pelo jornalista. Segundo MARQUES DE MELO (2009), a pirâmide invertida dá ao leitor, de uma só vez, as informações mais relevantes acerca do acontecimento narrado.

No jornalismo impresso essas informações mais importantes estão localizadas no título, subtítulo, lide e sublide da matéria. Derivado do inglês *lead*, o lide é a primeira parte de uma notícia, geralmente o primeiro parágrafo, que ordena e coloca em destaque as informações básicas com potencial para prender a atenção do leitor: quem, ou o que, fez o que, onde, como, quando, por que e para que. Ao lide segue-se um segundo parágrafo, o sublide, que apresenta informações adicionais e complementares, tendo por funções principais aprofundar o lide e fazer sua ligação com o corpo da matéria. Nas notícias com mais de três parágrafos faz-se uso de intertítulos à medida que se muda de assunto (LAGE, 2005).

Os textos jornalísticos também são classificados segundo formatos específicos. A classificação proposta por MARQUES DE MELO e ASSIS (2016), uma das mais difundidas no Brasil, aponta cinco gêneros jornalísticos: 1) informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista); 2) opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica); 3) interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê); 4) diversional (história de interesse humano e história colorida); e 5) utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço). Cada um desses gêneros possui características próprias, que os tornam únicos e vão se desdobrando em formatos específicos. Neste estudo interessa

²⁵ No(s) último(s) parágrafo(s), no jargão chamado de “pé de página”.

o conteúdo informacional das mensagens jornalísticas, a saber, o gênero jornalístico informacional, que se desdobra nos formatos nota, notícia, reportagem e entrevista.

MARQUES DE MELO (2003) define a reportagem como o formato mais abrangente do ponto de vista informacional, sendo o relato detalhado de um acontecimento, se comparado ao formato notícia. A nota, por sua vez, é o formato breve escrito em poucas linhas e, por isso, é mais frequente no rádio e na tevê. LAGE (2001) define reportagem como a exposição que combina o assunto abordado com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente. Entrevistas informativas são aquelas que permitem obter o relato de um fato através da conversação com alguém que é responsável por uma nova ideia, testemunho ou evento ou participa de uma determinada situação (ERBOLATO, 2008). Na entrevista, pontua BAHIA (1971), além da capacidade profissional, a autenticidade é a característica mais importante, seguida do interesse do repórter e da identificação correta da fonte. Segundo esse autor, a entrevista no jornalismo é conhecida como *reportagem provocada*.

3.2.2 NEWSMAKING: O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA

Qualquer que seja o gênero jornalístico, ele sempre será o resultado do *newsmaking*, modelo teórico que permite a identificação do processo de produção da notícia, em estreita articulação e vinculação com as rotinas de organização do trabalho e da cultura profissional (WOLF, 2002). De acordo com esse autor, o *newsmaking* possibilita a compreensão do processo que dá ao jornalismo o poder de impor uma agenda cotidiana e prolongada de temas que pautam o debate público, por meio de um conjunto de procedimentos de previsão, seleção e exposição dos acontecimentos cotidianos. Nessa perspectiva, a fonte primária do jornalismo é o cotidiano e a sua matéria-prima, as informações, entendidas como acontecimentos (voluntários, naturais ou provocados) que ocorrem em “superabundância” na vida social e que representa a primeira etapa do *newsmaking* (COSTA, 2006). Ou seja, em razão da impossibilidade técnico-operacional dos meios de comunicação de dar visibilidade a todos os acontecimentos da vida social, a organização do trabalho impõe um processo prévio de seleção, escolha, preferência e priorização de determinados fatos em detrimento de uma infinidade de outros. Desse modo, acentua MALINVERNI (2011, p. 60), “[...] tudo o que não corresponde às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional é excluído”.

Esse processo é apoiado em alguns critérios, como noticiabilidade, audiência e rotinas de produção. A noticiabilidade é um conjunto de critérios e instrumentos de seleção denominados valores-notícia (do inglês *news value*) que determinam aquilo que, em meio a esse grande número de fatos cotidianos, é suficientemente significativo e interessante para ser transformado em notícias. Essa escolha é feita de comum acordo por editores, repórteres e diretores do veículo de comunicação. OLIVEIRA (2014) nomeia esse conjunto de procedimentos como “dispositivos jornalísticos”, um sistema capaz de *captar e decodificar* alguns desses inúmeros acontecimentos cotidianos. Em consonância com as características editoriais da organização, os valores-notícia permitem aos jornalistas avaliar o grau de noticiabilidade dos eventos que “[...] julgam merecer a atenção pública, atribuindo-lhes determinados tipos de inteligibilidade narrativa mediante operações de enquadre e de regulação” (OLIVEIRA, 2014, p. 37). É dessa noção, acrescenta o autor, que é possível afirmar que o relato jornalístico nunca é o resultado apenas da vontade ou da idiosincrasia dos jornalistas, mas sim do complexo processo de produção da notícia.

Na rotina produtiva, destacam-se ainda a divisão do trabalho (pauteiros, repórteres, editores) e a sistematização do processo industrial em editorias (política, economia, cultura esportes etc.), que ajudam na organização diária da redação e, conseqüentemente, na seleção dos fatos que serão transformados em notícias:

Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no tempo e no espaço. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção de notícias. É dessas práticas que se ocupa a teoria do *newsmaking* (PENA, 2015, p. 130).

TUCHMAN (1978) diz que o processo de produção da notícia deve ser planejado como uma rotina industrial, com regras de organização e procedimentos, o que minimiza a possibilidade de manipulação da notícia. Nessa perspectiva, a autora classifica a notícia de acordo com o tipo de matéria: 1) notícias duras, as de natureza factual; 2) notícias leves, que são sempre atuais, como, por exemplo, uma exposição de arte; 3) notícias súbitas, imprevisíveis como um incêndio; 4) notícias em desenvolvimento, nas quais o fato está se desenrolando, não acabou, como um sequestro, uma rebelião; e 5) notícias em sequência, aquelas que são previamente programadas, como um evento político. A autora salienta que, apesar de ser tênue a linha que separa uma ideia de outra, classificar é necessário porque ajuda na sistematização do trabalho.

Ancorado nessa noção, WOLF (2002) divide o *newsmaking* em três eixos principais, que devem atuar sincronicamente: a cultura profissional de cada jornalista, a organização do trabalho e aos processos produtivos. Outra divisão, proposta por SCHUDSON (1996) e adaptada por SOUSA (1999), na obra *A notícia e seus efeitos*, compreende a interação de seis forças ou ações no processo de produção das notícias:

- 1) ação pessoal: as notícias resultam das pessoas;
- 2) ação social: as notícias são geradas pela coação da sociedade;
- 3) ação ideológica: as notícias são frutos da coesão de grupos ideológicos;
- 4) ação cultural: as notícias são produtos da cultura em que estão inseridas;
- 5) ação do meio físico: as notícias dependem da tecnologia usada na sua fabricação;
- e
- 6) ação histórica: as notícias são um produto da história.

PENA (2015, p. 132) destaca a interação de mais de uma dessas forças, cujo uso vai depender das características comerciais e editoriais do veículo e do direcionamento adotado, pois “[...] não são módulos uniformes e estáveis. Há espaços de manobra para os jornalistas e eles estão localizados na interação com os agentes sociais”.

Outro dispositivo importante do *newsmaking* diz respeito ao processo de edição, que modula a notícia e, finalmente, a apresenta ao público. Enquanto na fase de seleção do acontecimento a informação é desencaixada do seu contexto original, na fase da edição ele é recontextualizado, agora na forma de texto, se tornando, a partir daí, “[...] uma representação sintética, necessariamente breve, visualmente coerente e possivelmente significativa do objeto da notícia” (MALINVERNI, 2011, p. 65). Assim, é a edição que imprime os sentidos à narrativa, num esforço de transformar a notícia em “espelho da realidade exterior”, como destaca WOLF (2002).

Os procedimentos do *newsmaking* operam sob três enunciados marcantes da cultura profissional do jornalista: 1) liberdade de expressão; 2) objetividade/neutralidade narrativa; e 3) (suposto) conhecimento prévio do jornalista sobre o público para o qual ele produz as notícias. Esse conjunto discursivo, segundo WOLF (2002), indica uma tendência dos jornalistas em não admitir o *newsmaking*, levando-o a acreditar que as notícias são um retrato fiel da realidade e não o resultado de um processo de produção que envolve seleção prévia de temas.

Para SILVA (2014, p. 64), em articulação, os enunciados da liberdade de expressão, da objetividade narrativa e de que o jornalista sabe quem é e o que quer o seu público

(leitores, ouvintes, telespectadores) servem como uma estrutura de referência, uma espécie de guia para os jornalistas “[...] lidarem com a natureza extremamente cambiante da realidade social”. Nessa perspectiva, MALINVERNI (2016, p. 54) observa que “[...] esses enunciados legitimam as narrativas jornalísticas porque atuam como instrumentos de controle de natureza supramoral, uma vez que o jornalismo é tomado e dado como a serviço exclusivamente dos interesses da sociedade”. Assim, acrescenta a autora, jornalistas e organizações empresariais de jornalismo estariam

[...] (auto)investidos de um tipo de salvo-conduto discursivo que os autorizaria a produzir e transmitir formas simbólicas que carregam e distribuem livremente poderosos sentidos sobre todas as dimensões da vida cotidiana (...) É importante lembrar que esses enunciados são convenientemente empregados quando os produtos midiáticos têm desfechos e consequências indesejáveis, atuando também, desse modo, como escudos argumentativos para justificar a abordagem narrativa e seus desdobramentos (MALINVERNI, 2016, p. 59).

3.2.3 FOTOJORNALISMO

A primeira imagem reconhecida como fotográfica foi produzida, em 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce. Em uma placa de estanho coberta por um derivado de petróleo, Niépce captou, após oito horas de exposição à luz solar, parte de um celeiro e uma árvore, visão que ele tinha de sua oficina. O processo, batizado de heliografia²⁶, foi um dos muitos registrados ao longo da história, muitos realizados concomitantemente. O que difere Niépce é que ele era litógrafo, enquanto os outros pesquisadores da fotografia eram pintores ou ligados a outras formas de expressão das artes visuais.

Diferentemente do valor atribuído às artes, a fotografia é o primeiro objeto pós-industrial no qual o valor se transferiu do objeto para a informação (FLUSSER, 2002). Para TRAQUINA (2007, p. 26), entre as inovações tecnológicas que permitiram ao jornalismo se transformar em produto de massa, a invenção da máquina fotográfica, em

²⁶ Em 1929, Niépce associou-se a Louis Jacques Mandé Daguerre, lançando, uma década mais tarde, o processo chamado daguerreotipo, que reduziu para 30 minutos o tempo de exposição da imagem à luz. Disponível em: <<http://pointdaarte.webnode.com.br/news/a-historia-da-fotografia/>> e <<http://guiadoscuriosos.uol.com.br/categorias/3718/1/maquina-fotografica.html>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

particular, o inspirou em “[...] seu objetivo de ser as ‘lentes’ da sociedade, reproduzindo *ipsis verbis* a realidade”.

Muitos autores postulam que o desenvolvimento do fotojornalismo é concomitante à história das guerras. Segundo FABRIS (1991), o cenário da primeira reportagem fotográfica foi a Guerra da Crimeia (1853-1856)²⁷, feita pelo inglês Roger Fenton, considerado por muitos historiadores o primeiro repórter fotográfico (FABRIS, 1991). Já para SOUSA (2006), a Guerra da Secessão²⁸ trouxe algumas consequências para o desenvolvimento do fotojornalismo, como a percepção de que os leitores queriam assumir a postura de observadores visuais dos fatos, de que o tempo entre o fato e sua divulgação deveria ser o mais curto possível – na época, a fotografia podia demorar até uma semana entre a tomada da foto e a sua publicação. Assim, quanto mais rápido o fotógrafo se integrasse aos acontecimentos, maiores as possibilidades de boas fotos e o reconhecimento da supremacia da fotografia em relação ao texto, acentuando a dramaticidade da mensagem.

A fotografia documental apresenta-se como precursora do fotojornalismo (OLIVEIRA, VICENTINI, 2009), tendo no sociólogo Lewis Wickes Hine (1849-1914) e no jornalista Jacob Riis (1874-1940) seus pioneiros. Ambos utilizaram a fotografia como instrumento de denúncia: Riis fez um ensaio fotográfico pelo qual denunciou a miséria dos trabalhadores, no contexto da Revolução Industrial, em 1890, e as péssimas condições de vida em muitas áreas urbanas dos Estados Unidos. Hine, que havia adotado a fotografia como instrumento pedagógico na Ethical Culture Fieldston School, demonstrou que ela também podia ser utilizada não só como denúncia, mas como um meio de transformação na sociedade, trazendo à tona imagens dos problemas sociais. Seu ensaio fotográfico que

²⁷ O nome faz referência à península da Crimeia, no Mar Negro, onde o conflito se desenrolou, envolvendo de um lado a Rússia e, de outro, uma coligação integrada por Reino Unido, França, Piemonte-Sardenha (atual Itália) e o Império Turco-Otomano (atual Turquia), para conter a expansão russa. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/crimeia/>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

²⁸ Também chamada de Guerra Civil Americana, foi um conflito armado entre os 11 Estados confederados do sul dos EUA contra os Estados do norte, entre 1861 e 1865. Os sulistas defendiam interesses aristocráticos, latifundiários e escravistas, práticas que determinavam a economia e o modo de produção da região; os habitantes do norte já haviam desenvolvido significativa capacidade industrial e, em geral, descartavam o uso da mão de obra escrava. Foi o conflito que causou mais mortes entre os estadunidenses, matando aproximadamente 970 mil pessoas. Ao fim da guerra, os Estados Unidos aboliram por completo a escravidão. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/guerra-de-secessao/>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

registrou as péssimas condições em que trabalhavam as crianças nas fábricas da Pensilvânia (EUA) ajudou a alterar as leis que regiam o trabalho de menores (SOUGEZ, 2001).

A inserção da fotografia no jornalismo teve início na Alemanha, após o término da Primeira Guerra Mundial, durante a República de Weimar (1918-1933). Inovações técnicas também contribuíram para determinar novas formas de utilização da fotografia na imprensa: em 1929, surgiu o *flash* de lâmpada; em 1930, as câmeras Ermanox e Leica, com objetivas e usando filmes de 35 mm, permitindo que o fotógrafo passasse despercebido (OLIVEIRA, VICENTINI, 2009). Os avanços técnicos permitiram à fotografia exercer outra função, a de ajudar a interpretar e esclarecer os fatos. Conforme ratifica SOUSA (1999, p. 36), assim, a fotografia deixou de ser “[...] apenas a imagem isolada que interessa, mas o texto e todo o ‘mosaico’ fotográfico com que se tenta contar a história”.

No Brasil, o uso documental da fotografia teve início com os cariocas Militão Augusto de Azevedo e Marc Ferrez (OLIVEIRA, VICENTINI, 2009). Radicado em São Paulo, Militão registrava cenas urbanas da capital paulista em que comparava as mesmas ruas e casas durante 25 anos, entre 1862 e 1887.²⁹ Marc Ferrez³⁰ (1843-1923) foi o mais importante fotógrafo brasileiro do século XIX e o principal fotógrafo das construções ferroviárias brasileiras, particularmente nos anos de 1880 e 1890, o que possibilitou que articulasse um grande panorama da paisagem nacional do período.

Os primeiros jornais a utilizarem a fotografia foram a *Revista da Semana* (1900), a revista *Fon-Fon* (1907), a *Ilustração Brasileira* (1909), *O Malho* (1902), o *Jornal do Brasil* (1891). Em 1928, Assis Chateaubriand criou a revista *O Cruzeiro*, que se tornaria pioneira do fotojornalismo brasileiro na década de 1940, com a contratação do francês Jean Manzon. Fotógrafo com vasta experiência no jornalismo alemão, Manzon revolucionou o fotojornalismo produzindo imagens inéditas e impactantes da cena nacional, como o encontro dos índios xavantes³¹, em 1944, retratando ainda os problemas

²⁹ MILITÃO AUGUSTO DE AZEVEDO. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=militao-augusto-de-azevedo>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

³⁰ MARC FERREZ: MESTRE DA FOTOGRAFIA DO SÉCULO XIX. IMS, [s.l.] [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/visite/exposicoes/marc-ferrez-mestre-da-fotografia-do-seculo-xix>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

³¹ O ÍNDIO NA FOTOGRAFIA BRASILEIRA. **Fotógrafos:** Jean Manzon. **Povosindígenas.com**, [s.l.] [s.d.]. Disponível em: <<http://povosindigenas.com/jean-manzon/>>. Acesso em 20 abr. 2017.

sociais do Brasil, os tipos regionais, os trabalhadores, os artistas e os políticos da época (PERSICHETTI, 2000).

De acordo com CHIODETTO (2008), no fotojornalismo as questões que apresentam certa tensão estão relacionadas à “realidade e ficção” e “ética e ideologia”, se revelando sobretudo na busca do equilíbrio entre informação e plasticidade, entre a natureza noticiosa do acontecimento que o obriga a se manter fortemente conectado a um referente e sua necessidade de conquistar a atenção do olhar do leitor contemporâneo. Para MOTTA (2007, p. 160),

A linguagem jornalística é por natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária. Observe os títulos do jornal ou as chamadas dos telejornais de hoje para comprovar essa afirmação. Intencionalmente ou não, geram nos leitores diversos efeitos de sentidos emocionais. Recursos linguísticos e extralinguísticos remetem os receptores a estados de espírito catárticos – surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia etc. Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas.

Para BARTHES (1984, p. 129), a fotografia é uma redução da realidade, em que há ligação direta entre a imagem fotográfica e o objeto representado: “[...] ela não inventa; é a própria autenticação (...) Toda fotografia é um certificado de presença”. Isso significa que cada imagem fotográfica é um recorte, fragmento de um espaço no tempo da história do mundo, portanto, pode-se dizer, é um documento. SONTAG (2003, p. 42) complementa a ideia quando diz que a fotografia “[...] na medida em que se constitui um vestígio (...) é sempre uma imagem que alguém escolheu, e fotografar é enquadrar, e enquadrar é excluir”. Para SOUSA (2006, p. 12) não existe fotojornalismo sem texto: “[...] quando se fala de fotojornalismo não se fala exclusivamente de fotografia”.

KOSSOY (1999) salienta que cada pessoa visualiza a imagem de forma individual e única, dado que não se constitui no receber passivo de informações. As imagens, “[...] uma vez assimiladas em nossas mentes, deixam de ser estáticas; tornam-se dinâmicas e fluidas e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos. Elas provocam em cada um de nós impactos diferentes” (KOSSOY, 1999, p. 45).

Neste estudo, para analisar a fotojornalismo utilizou-se o conceito proposto por Lorenzo VILCHES, na *Teoría de la imagen periodística* (1997), que tem como conceito

norteador dois principais eixos: o *valor cromático* e o *valor espacial*. O valor cromático da imagem se expressa na cor, na luminosidade, na nitidez e no contraste, enquanto o valor espacial se refere aos planos, ao formato, à profundidade, à horizontalidade (esquerda/direita, profundidade/plano) e à verticalidade. Para o autor, ao plano expressivo corresponderia um plano de conteúdo que formaria o nível semântico da imagem fotográfica e, a partir destes códigos, seria possível compreender a imagem transformando a superfície visual da fotografia em unidades de leitura.

Na composição fotográfica é possível analisar vários elementos de acordo com o viés de interesse. Neste estudo elegemos o enquadramento e a cor. O enquadramento fotográfico, assim como a cor, é parte da sua composição e uma técnica relevante para incluir ou excluir da narrativa imagética objetos e temas de interesse: “O enquadramento corresponde ao espaço da realidade visível representado na fotografia (...) é um gesto frequente em fotojornalismo, pois assim pode concentrar-se a atenção do observador no motivo e retirar da imagem elementos que desviem o olhar do que é importante” (SOUSA, 2006, p. 78).

Como o enquadramento concretiza-se no plano, foram utilizados cinco conceitos da linguagem audiovisual postulados por MUSBURGER (2008): PPP (primeiríssimo plano próximo), empregado para mostrar um detalhe fino ou se concentrar em um objeto específico; CUP (*close-up*), usado para mostrar um detalhe não notado no plano mais amplo; PM (plano médio), para mostrar uma relação entre objetos, geralmente considerando a tomada da cintura para cima de uma ou mais pessoas no quadro, às vezes uma tomada de corpo todo; PG (plano geral), usado para estabelecer a locação ou o ambiente em que a cena se desenrola; e tomada de rosto, no qual é enquadrado o rosto da pessoa da extremidade da cabeça até o queixo ou até abaixo do pescoço.

Diante do exposto, é possível considerar a relevância da fotografia no meio jornalístico como suporte do texto ou como destaque. O fato é que vivemos dominados pela fotografia, nossas concepções e percepções sobre o mundo, o que sentimos e pensamos, estão baseadas em certa medida pela imagem capturada na fotografia:

No universo invisível do intelecto e das emoções do homem, a fotografia exerce hoje uma força comparável à da liberação da energia nuclear no universo físico. O que pensamos, sentimos, nossas impressões dos acontecimentos contemporâneos e da história recente, nossas concepções do homem e do cosmo, as

coisas que compramos (ou deixamos de comprar), o padrão de nossas percepções visuais, tudo isso é modelado, em certa medida e o mais das vezes decisivamente, pela fotografia (DONDIS, 1997, p. 213).

4 MATERIAS E MÉTODOS

4.1 LOCAL DE ESTUDO – MUNICÍPIO DE SANTOS, SP

A cidade de Santos, localizada no litoral sul do estado de São Paulo, a 72 km da capital³², é tão antiga quanto o Brasil. O litoral paulista e a Ilha de São Vicente foram descobertos no início do ano de 1502, com a ilha sendo habitada poucos anos depois por europeus. Dessa ocupação surgiram dois pequenos núcleos urbanos; o primeiro, o Povoado de São Vicente, elevado à Vila por Martim Afonso de Sousa, em 1532; o segundo, chamado Nova Povoação, foi fundado em 1540 por Brás Cubas, quando o porto que atendia a região, o principal do litoral paulista, à época, situado na Ponta da Praia, foi transferido para o outro lado da ilha. Hoje, na condição de cidade, Santos abriga o maior porto brasileiro e latino-americano.

Santos possui área de 280,67 km², sendo 39,4 Km² na parte insular e 241,5 km² na parte continental. Segundo dados da Fundação Seade para 2017, o município tem população de 425.621 habitantes e taxa de urbanização de 99,93%³³; possui densidade demográfica de 1.516,45 hab/Km², com a população concentrada na parte insular. A região apresenta alta cobertura de saneamento básico, dispondo de 99,56% de abastecimento de água, 95,29% de esgoto sanitário e 99,80% de coleta de lixo.³⁴

De clima litorâneo quente e úmido, tem temperatura média de 20°C e índice pluviométrico elevado. Seu bioma é a Mata Atlântica, limitando-se ao norte com Santo André e Mogi das Cruzes, ao sul com Guarujá e Oceano Atlântico, a leste com Bertioga e a oeste com Cubatão e São Vicente. Santos é o maior e mais importante município da Região Metropolitana da Baixada Santista, (RMBS), que compreende outros oito

³²Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/51B>>. Acesso em 30 abr. 2017.

³³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo demográfico de 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

³⁴ Fundação Estadual de Análise de Dados – SEADE. **Perfil municipal**: Santos. São Paulo: Fundação Seade, 2017. Disponível em: <<http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/perfil>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

municípios, onde vivem 1.765.431 de habitantes³⁵: Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande e São Vicente.

Figura 2 – Mapa do município de Santos, São Paulo, Brasil.

Fonte: IBGE. Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354850>

Santos é uma cidade populosa e ocupa, de acordo com dados do Censo de 2010 realizado pelo IBGE³⁶, o 6º lugar nacional e o 3º estadual no ranking IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), organizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).³⁷

³⁵ Criada pela Lei Complementar Estadual 815, em 30 de julho de 1996, a RMBS foi a primeira região metropolitana brasileira sem *status* de capital estadual. A estimativa populacional é da Fundação Seade, em 1 de julho de 2016. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/projpop/index.php>. Acesso em: 15 abr. 2017.

³⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Cidades@**. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/EK6>. Acesso em: 17 abr. 2017.

³⁷ Composto por indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano (longevidade, educação e renda), o índice varia de 0 a 1, indicando maior desenvolvimento quanto mais próximo de 1. O IDHM brasileiro segue as mesmas três dimensões do IDH global (igualmente, longevidade, educação e renda), mas vai além ao adequar a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais. Embora meçam os mesmos fenômenos, os indicadores levados em conta no IDHM são mais adequados para avaliar o desenvolvimento dos municípios brasileiros, portanto, contando um pouco da história municipal em três

De acordo com a Fundação Seade, se comparado ao estado de São Paulo e a outras cidades da região, Santos possui características particulares, como o alto índice de envelhecimento populacional, que é de 130,57% (Figura 3), e população com mais de 60 anos (Figura 4).

Figura 3 – Índice de envelhecimento da população do município de Santos, SP, entre 1980 e 2017.

Fonte: Fundação Seade³⁸

Figura 4 – População do município de Santos, SP, com mais de 60 anos, entre 1980 e 2017.

Fonte: Fundação Seade³⁹

A alta densidade demográfica⁴⁰ (Figura 5) e a urbanização em Santos são algumas das características que ajudam na manutenção do vetor da dengue. Segundo GLASSER

importantes dimensões do desenvolvimento humano durante duas décadas. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

³⁸ Disponível em: <<http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/perfil>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Ibidem.

et al. (1999), na região estão presentes características favoráveis ao vetor e à doença, tanto no que se refere ao clima como às questões relacionadas à ocupação do solo e às atividades econômicas ligadas ao Porto de Santos e ao turismo.

Figura 5 – Densidade demográfica em Santos de 1980-2017, segundo a Fundação Seade.

Fonte: Fundação Seade⁴¹

Com relação à distribuição de casos autóctones de dengue, a curva da série histórica dos casos santistas acompanhou a curva do estado de São Paulo, “[...] enfatizando-se que, em várias transmissões, o município foi responsável por uma parcela expressiva do total de casos do Estado” (FERNANDES, NATAL, DOMINGOS, 2014, p.6). Observa-se também que a curva seguiu o padrão de introdução de um novo sorotipo, conforme demonstrado na figura 6: em 1997 com o DENV1; em 1998 e 1999 com o DENV2; em 2002 com o DENV3; e em 2012 com o DENV4.

Figura 6 – Índice da dengue autóctone no município de Santos, SP, no período de 1997 a 2012 e ano de introdução de cada sorotipo.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/perfil>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

Fonte: SEVIEP/SMS e DATASUS. 2014

Santos abriga o maior⁴² porto do Brasil, com aproximadamente 13 km de extensão, considerado o número um no ranking⁴³ dos dez melhores portos nacionais. Recebe grande fluxo de turistas de várias partes do país e do mundo. Como dito na introdução desta tese, é administrado pela Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp) e movimenta produtos e materiais com a maior diversidade em importações e exportações brasileiras, em que se destacam: a indústria mecânica, a indústria de materiais de transporte, setor de agroindústria e madeira, indústria química, indústria de alimentos e bebidas e a metalurgia. Também é polo turístico de destaque no cenário paulista e nacional, recebendo, nos meses do verão, um grande volume de navios de cruzeiro, cujos passageiros movimentam a economia da cidade.

4.2 MATERIAL DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS

Neste estudo, a mídia impressa analisada foi o jornal *A Tribuna*, com sede no município de Santos, na Região Metropolitana da Baixada Santista. Segundo a Associação Nacional de Jornais, ANJ, *A Tribuna*⁴⁴ é o jornal de maior circulação da RMBS, cobrindo todas as nove cidades da região. Seu número de tiragem de exemplares e sua distribuição é de 25 mil nos dias úteis, e aos domingos são impressos 40 mil. Fundado em 26 de março de 1894 pelo maranhense Olympio Lima, como o nome de *A Tribuna do Povo*, é hoje o jornal mais antigo em funcionamento na Baixada Santista. Ao longo de sua trajetória, *A Tribuna* cresceu e evoluiu para o Sistema a Tribuna de

⁴² WWW.portodesantos.com.br Acesso em 12.04.2017

⁴³Portos do Brasil. Disponível em: <http://www.portosdobpoisrasil.gov.br> Acesso em: 12.04.2017

⁴⁴ Jornal A Tribuna. <http://www.atribuna.com.br/sobre-a-tribuna/> Acesso em 14.04.2017

Comunicação (SAT)⁴⁵, que inclui a TV Tribuna (1992, afiliada à Rede Globo), rádio A Tribuna FM, jornais *Primeira Mão Santos* e *Campinas*, *A Tribuna Digital*, *Expresso Popular*, e o Instituto de Pesquisas A Tribuna (IPAT, 2005).

Desde 2007 a jornal *A Tribuna* conta com uma versão digital⁴⁶, porém disponível somente para assinantes. Por esse motivo, todo o material de estudo foi acessado em exemplares físicos nos arquivos de *A Tribuna*, localizados em sua sede, em Santos. Foram feitas fotocópias dos originais, analisadas posteriormente. Alguns exemplares foram cedidos pelo jornal.

Foi realizado um levantamento de todo o conteúdo do gênero informativo – nota, notícia e reportagem – sobre a ocorrência da dengue no município de Santos, publicado na versão impressa. A análise compreendeu o período de três anos, com início em 1 de julho de 2012 e término em 30 de junho de 2015. De acordo com PEREIRA et al. (BEPA, 2013, p. 3), 2013 foi o “[...] ano de maior incidência em toda a história da transmissão da doença no território brasileiro, com 208.914 casos confirmados, sendo 99,8% da forma clássica [...]” para todo o Estado.

As matérias jornalísticas foram submetidas à seleção segundo o método de análise de conteúdo, a partir da amostra não probabilística de semanas compostas, proposta por LOZANO (1994) e muito utilizada em análises de imprensa. A técnica da seleção da amostra consiste em escolher um dia por semana até o fim do período que se pretende analisar. O primeiro dia da primeira semana é a segunda-feira; na segunda semana o dia é a terça-feira, na terceira é a quarta-feira, sucessivamente, até o domingo, que é o oitavo dia. Depois a contagem recomeça, seguindo até a última semana. Dessa forma, tem-se a análise não probabilística. A amostra deste estudo resultou em 156 edições analisadas.

Em seguida, as matérias sobre dengue foram pré-selecionadas pelo mecanismo de palavras-chave – dengue, dengue em Santos, *Aedes aegypti* – em todo o jornal, inclusive as capas, a fim de obter o *corpus* de análise. O conteúdo foi então codificado pelas ideias centrais do título, subtítulo, lide e sublide. Foram submetidas à análise de conteúdo as mensagens jornalísticas textuais e imagéticas – fotografias e infográficos; também foi

⁴⁵ Jornal A Tribuna. <http://www.atribuna.com.br/o-jornal-da-baixada-santista/> Acesso em 14.04.2017

⁴⁶ Jornal A Tribuna versão digital. <http://www.atribuna.com.br/atribunadigital/login.php?request=/atribunadigital/> Acesso em: 14.04.2017

verificada a presença de charge com tema dengue, mesmo não sendo parte da matéria, uma vez que o conteúdo informativo de todo o jornal foi investigado.

Na coleta de dados foram examinadas todas as matérias jornalísticas das capas e das editorias para todos os dias selecionados na amostra, com objetivo de buscar as palavras-chave. O levantamento foi registrado em planilha do programa Excel, conforme ano, data, editoria, capa, título, subtítulo, lide, sublide, imagem – presença de fotografia, presença de infográfico, legenda da imagem –, formato da matéria, presença de charge. Para a fotografia também foi realizada análise e classificação, segundo tema da imagem, enquadramento, presença de cor e menção ao crédito fotográfico.

Após a classificação em categorias e subcategorias, o conteúdo foi analisado quantitativamente pela AC, e o resultado expresso em frequência temática, para as unidades de registro. Os dados qualitativos foram expressos de forma interpretativa também sob forma de categorias temáticas, porém com foco no controle do vetor, buscando identificar no conteúdo jornalístico o manejo integrado do *Aedes aegypti*.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na fase de pré-análise do jornal *A Tribuna* o material foi sistematizado segundo as etapas exigidas pela análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Na primeira delas, a leitura flutuante, foi feita a aproximação com o texto e, posteriormente, demarcados os documentos que foram efetivamente analisados, em consonância com os objetivos da pesquisa.

Inicialmente foram analisadas e identificadas as 156 edições do jornal, veiculadas no período de 1 de julho de 2012 a 31 de junho de 2015. Após a leitura de todos os textos veiculados nas 156 edições, foram selecionados aqueles que tinham um ou mais dos seguintes descritores: dengue; dengue em Santos; e *Aedes aegypti*, formando um *corpus* preliminar de 43 (quarenta e três) textos – importante destacar que muitas edições não mencionavam nenhuma das palavras-chave.

No terceiro momento foram triadas as matérias que descreviam a dengue apenas na cidade de Santos, sendo excluídas aquelas que não faziam referência ao município, formando um *corpus* final de 30 textos.

A constituição do *corpus* respeitou as regras de BARROS e TARGINO (2000) exigidas pela AC: homogeneidade, segundo a qual todas as matérias são pertencentes ao gênero jornalístico e os formatos analisados são da mesma natureza – neste estudo, textos de natureza informativa, circunscritos à notícia, nota e reportagem, conforme definido por MARQUES DE MELO (2003).

As outras três regras da análise de conteúdo relacionadas à constituição do *corpus* empregadas neste estudo foram: homogeneidade, pela qual os documentos obtidos tinham a mesma natureza, pertencendo ao mesmo gênero ou se reportando ao mesmo assunto; a exaustividade, em que nenhum documento da mesma natureza ficou de fora da análise, sendo, por isso, todo o noticiário relativo à dengue aqui incluído; e a representatividade, que determinou que o tamanho da amostra considerou os objetivos do estudo, qualitativos ou quantitativos. Segundo LOZANO (1994), na análise de imprensa os dois tipos de amostragem utilizados são: a amostragem não probabilística de semanas compostas e a probabilística. Neste trabalho utilizamos a amostragem não probabilística, conforme exposto no capítulo 4. Consoante à regra da homogeneidade, todos os documentos analisados nesta pesquisa são da mesma natureza, do mesmo gênero, qual seja, o jornalístico. Acompanhando a regra da pertinência (DUARTE, 2005), todos os textos selecionados estão alinhados com os objetivos da pesquisa, em todos os aspectos, no período de análise, no objeto de estudo e nos procedimentos.

As 30 matérias, alinhadas aos objetivos da pesquisa, como dito, versam sobre a cobertura jornalística da dengue no município santista, principal cidade da Região Metropolitana da Baixada Santista e sede, junto com a vizinha Guarujá, do maior complexo portuário da América Latina, que registra diariamente uma grande circulação de mercadorias e pessoas, perfil que amplia os riscos de doenças transmissíveis no território santista, entre as quais destaca-se a dengue.

Na segunda fase, a partir do material selecionado, foram definidas as categorias de análise (sistemas de codificação) e identificadas as unidades de análise, também chamadas de unidades de registro de significado, configurando-se o elemento unitário de conteúdo posteriormente submetido à classificação. Desse modo, a partir da definição do *corpus* foi efetuada a codificação, que é a transformação dos dados brutos de forma sistemática, realizada em três fases: o recorte, a escolha das unidades de registro e de contexto; a enumeração, que se refere à definição das regras de enumeração; e a classificação e agregação, momento de definição das categorias de análise (BAUER, 2002).

Existem várias opções na escolha dos recortes a serem utilizados: palavras, frases, parágrafos, textos completos de entrevistas, notícias de jornal. A escolha das unidades de registro e de contexto deve responder de maneira pertinente aos objetivos da análise (DOWNE-WAMBOLDT, 1992). De modo geral, a unidade de registro mais

frequentemente utilizada é o tema, definido por BERELSON (1971, apud BARDIN, 2009) como uma afirmação acerca de um assunto.

Neste estudo a unidade de registro eleita foi o tema. Para BARDIN (2011, p. 131),

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico. (...) As comunicações de massa podem ser, e são frequentemente, analisadas tendo o tema por base.

De modo geral mais ampla do que a unidade de registro, a unidade de contexto serve de referência a esta, demarcando os limites para sua interpretação; portanto, envolve a compreensão. Nessa perspectiva, cada unidade de contexto geralmente contém diversas unidades de registro (MORAES, 1999). A unidade de contexto pode ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema, entre outras (BARDIN, 2011). Neste estudo escolheu-se a unidade de contexto parágrafo para o texto.

Seguindo os referenciais teóricos do campo da comunicação, neste trabalho foram analisados todos os lides e subledes dos textos que formam o *corpus* de análise, bem como seus títulos e subtítulos, posteriormente classificados em uma das categorias encontradas.

As regras de enumeração referem-se ao modo de quantificação das unidades de registro. Para BARDIN (2009), uma variável de inferência pode manifestar-se de diversas maneiras, sendo possível atingi-la através de índices diferentes ou complementares, desde que a enumeração e a codificação ajudem a elucidar a mesma realidade.

Segundo KRIPPENDORF (1990), nas análises de produtos de comunicação de massa é possível encontrar três índices: a frequência, que denota importância, atenção ou ênfase do tema ou da ideia; o equilíbrio de atributos favoráveis ou desfavoráveis, uma medida de orientação ou tendência do tema ou da ideia; e a intensidade, que é quantidade de associações ou classificações de um tema, um símbolo ou uma ideia (DUARTE, 2005). Em grande parte das investigações, independente do assunto, o tema passa a ter mais importância para a análise dos dados quanto mais frequentemente for mencionado.

5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA: O NOTICIÁRIO EM NÚMEROS

Neste estudo, os dados quantitativos foram analisados segundo a frequência. BARDIN (2011) sugere o uso da frequência simples ou ponderada nos casos em que a

aparência de determinado elemento é mais relevante do que outro. Nessa perspectiva, este trabalho adota a frequência simples para todos os temas, pois o objetivo é identificar e analisar aqueles que se tornaram notícias, reportagens e notas nas páginas do jornal ora analisado.

Como já mencionado, posteriormente à fase de recorte e codificação foi realizada a classificação e a agregação, que é a categorização propriamente dita. Após a divisão dos temas por assunto, fez-se novamente uma divisão em temas mais próximos. As categorias iniciais configuraram-se como as primeiras impressões acerca dos temas abordados, totalizando 25 categorias iniciais, representadas no quadro 1 (todas as categorias estão no Anexo 5).

As categorias temáticas intermediárias emergiram das categorias iniciais e deram origem às categorias finais. Como exemplo, temos os temas que fizeram referência à incidência ou ao número de casos novos da doença, declaração de aumento expressivo de dengue ou epidemia, letalidade, tipos de dengue, sintomas, tratamento e sorotipos, agrupados primeiro na categoria intermediária “Casos e clínica da dengue” e, depois, na categoria final “Doença dengue” (ver Anexo 5).

As categorias finais, que serviram de base para a análise qualitativa, representam o tema principal da matéria jornalística. As subcategorias ajudam a compreender o foco do noticiário, que é o dado principal demonstrado no quadro 2 e nos gráficos de frequência dos temas e subtemas, a seguir. A clássica análise de Violette Morin⁴⁷ (1966) demonstra que é possível reduzir um grande número de informações em categorias que repartem os elementos e depois os reúnem em grupos similares capazes de manter organizadas as mensagens.

⁴⁷Realizou um trabalho considerado modelo do ponto de vista metodológico da AC, analisando as reportagens sobre a visita do líder soviético Nikita Krushev à França, no início de 1960, durante a Guerra Fria. Ela decompôs o seu *corpus* de sete diários e nove semanários jornalísticos em 8.552 unidades de informação e os reagrupou em 69 categorias.

Quadro 1 – Categoria inicial temática do noticiário sobre dengue em Santos, SP, no jornal *A Tribuna*, de 2012 a 2015.

	Categoria inicial	Conceito norteador
1	Ações educativas oficiais	Distribuição de panfletos sobre prevenção da dengue, exposição de material educativo para crianças e adultos
2	Divulgação na mídia	Divulgação de informações sobre a doença e o vetor
3	Mobilização popular	População se junta e sai pelo bairro divulgando informações sobre como combater o mosquito, eliminando criadouros, explicando os sintomas da doença, como fazer armadilhas caseiras; alunos fazem trabalho escolar para divulgar o tema e aprender a preveni-la
4	Pesquisa sobre vacina para dengue	Menção a pesquisas científico-acadêmicas ou médicas sobre vacinas para dengue
5	Sintomas da dengue	Febre alta, dor de cabeça, nos olhos e manchas na pele, entre outros
6	Letalidade	Número de óbitos por dengue
7	Prevalência	Número de casos total de adoecidos por dengue
8	Incidência e epidemia	Número de casos novos da doença e declaração de epidemia; hospitais e UBS lotados, pacientes aguardando atendimento
9	Tipos da doença	Dengue hemorrágica, dengue assintomática, dengue simples, dengue grave
10	Tipos de vírus da dengue	Sorotipos 1, 2, 3 e 4
11	Tratamento	Como tratar a dengue: repouso, hidratação do paciente
12	Denúncia de criadouros	Denúncia de criadouros pela população para a reportagem do jornal
13	Disk-dengue (oficial)	Atendimento ao cidadão para denúncia de focos de criadouro do mosquito
14	Aplicação de larvicida	Agentes de endemias aplicam larvicidas em ralos, pneus em áreas externas e caixas d'água e calhas, entre outros
15	Aplicação de fumacê	Agentes de endemias aplicam inseticida nebulizador em ruas para matar o mosquito adulto
16	Contratação e capacitação de agentes	Capacitação de equipes para trabalhar no controle do vetor e na prevenção junto à comunidade
17	Mutirão/retirada de criadouro por agentes de endemias	Busca e retirada de criadouros e orientação à população sobre como prevenir a doença
18	Zika	Arbovirose relacionada ao mosquito <i>Aedes aegypti</i>
19	Biologia do vetor	Ciclo de vida, fêmea hematófaga, listrado de preto e branco, com lira, preferência para picar na região das pernas, silencioso, outros
20	Chikungunya	Arbovirose relacionada ao mosquito <i>Ae. aegypti</i>
21	Ecologia do vetor	Hábitos diurnos, ele se reproduz em água limpa e parada, preferência por altas temperatura e chuvas, outros
22	Doença H1N1	Outros temas
23	Doença leptospirose	Outros temas
24	Multa a proprietários que impedirem a fiscalização e entrada de agentes no domicílio	Outros temas
25	Plano de saúde com atendimento específico	Outros temas

Quadro 2 Categorias e subcategorias encontradas em matérias jornalísticas sobre a dengue em Santos, SP, no período de 2012 a 2015.

Categorias		Subcategorias
I- Prevenção da dengue	1.1	Ações educativas oficiais e Disk-dengue
	1.2	Divulgação de informações sobre prevenção da dengue pelo jornal
	1.3	Mobilização popular
	1.4	Vacina contra a dengue
II- Doença dengue	2.1	Letalidade
	2.2	Incidência, prevalência e epidemia
	2.3	Tipos de dengue, sintomas e tratamento da doença
	2.4	Sorotipos 1, 2, 3 e 4
III- Medidas de controle do mosquito vetor	3.1	Denúncia de criadouros
	3.2	Aplicação de inseticidas – larvicida e fumacê
	3.3	Contratação e capacitação de agentes de endemias
	3.4	Mutirão/retirada de criadouro por agentes de saúde
IV- O mosquito vetor – <i>Aedes aegypti</i>	4.1	Bioecologia do mosquito <i>Aedes aegypti</i>
	4.2	Infestação do mosquito
	4.3	Zika e chikungunya
V- Outros	5.1	H1N1
	5.2	Leptospirose
	5.3	Multa a proprietários que impedem a fiscalização e entrada de agentes no domicílio
	5.4	Plano de saúde com atendimento específico para pacientes com dengue

Uma vez definidas as categorias e subcategorias, na sequência foi realizada a análise dos dados, inferências e suas frequências. A análise quantitativa permitiu visualizar os dados dos resultados na forma de frequência. No Gráfico 5.1 é possível observar que o tema mais divulgado foi relativo à categoria II (Doença dengue) e a todos os subtemas relacionados à clínica, que representam 40% do noticiário, com 12 matérias. Ou seja, quase a metade de tudo o que foi publicado nos formatos notícias, reportagens e notas, no período estudado, refere-se a números da dengue (casos, óbitos e incidência) e informações acerca da dengue hemorrágica, choque da dengue, dengue clássica, sintomas, tratamento e sorotipos do vírus.

O segundo assunto mais abordado integra a categoria III (Medidas de controle do mosquito vetor), que responde a sete matérias (23% do noticiário veiculado). As subcategorias ajudam a entender melhor quão relevante é a perspectiva centrada no combate ao mosquito e quantas ações são necessárias concomitantemente: as ações de controle oficiais (larvicidas e fumacê aplicados pelos agentes de saúde/endemias, bem como capacitação de agentes, Disk-dengue, mutirões para retirada de criadouros); e as ações de controle por parte da população, como as denúncias de criadouros em imóveis

públicos e abandonados. Esse número, pouco expressivo, pode ser reflexo da falta de agentes ou da não participação da população nas ações, uma vez que, apesar de intensa campanha na mídia (televisiva, impressa, radiofônica e virtual), o controle do vetor, que deveria ser o assunto mais divulgado em todas as instâncias, recebe tratamento secundário.

Gráfico 1 –Número de matérias sobre a dengue em Santos, SP, no jornal A Tribuna, por categoria temática, em estudo realizado no período de 2012 a 2015, com n=30.

Saliente-se que de todos os temas abordados na totalidade da notícia, nota ou reportagem foram considerados na análise que deu origem às categorias finais. Porém, o tema que mais se sobressaiu no noticiário, normalmente presente no título, subtítulo, lide e sublide, é o que representa a matéria. A frequência considera os temas principais.

Os temas relacionados às categorias I (Prevenção da dengue) e IV (O mosquito vetor *Aedes aegypti*) são menos frequentes, abordados em quatro matérias, 13% do total, cada categoria. Como dengue é um problema de saúde pública, a produção e a disseminação de informações que ajudem a conhecer o mosquito vetor deveria estar mais evidente do que o número de óbitos e casos novos, por exemplo, mas é possível observar nos gráficos 1 e 2 que ocorre o contrário.

Gráfico 2 – Matérias jornalísticas sobre a dengue em Santos, SP, por classificação de subcategoria temática em estudo realizado no período de 2012 a 2015.

As informações da categoria IV (O mosquito vetor – *Aedes aegypti*) descrevem as características do *Ae. aegypti*, como ecologia, ciclo de vida, hábitos e preferências por aglomerações humanas; relação existente entre as altas temperaturas e a precipitação de água com o nascimento de larvas; relação entre a crescente produção de lixo e criadouros artificiais; a biologia e a hematofagia da fêmea e o macho que se alimenta de seiva; a postura dos ovos pela fêmea em vários recipientes; e a aparência do mosquito, corpo listrado de preto e branco com desenho de lira no tórax. Ou seja, muitas das características do mosquito que ajudam no reconhecimento e auxiliam no combate apareceram em número reduzido, em apenas 10% das matérias jornalísticas.

A categoria V (Outros), com três matérias, ou 10% do total, aborda assuntos que, apesar de apresentar um dos três descritores (dengue, dengue em Santos, *Aedes aegypti*), refere-se a doenças provocadas pelo vírus H1N1 e pela bactéria *Leptospira interrogans*, causadora da leptospirose, que pode ser confundida com a dengue em função de alguns sintomas comuns. O único assunto dessa categoria que aborda dengue como informação principal está em uma matéria sobre plano de saúde particular que, devido à epidemia e à

alta incidência de casos, inaugurou um novo local de atendimento só para pacientes com dengue.

Um resultado importante foi a ausência do tema relacionado ao controle biológico nas reportagens, notícias e notas analisadas. Segundo a Superintendência de Controle de Endemias (Sucen), vinculada à Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, trata-se de uma ação que utiliza animais predadores e/ou parasitas, entre os quais os peixes larvófagos, as bactérias e os hormônios reguladores, que mostrou viabilidade técnica para o controle do vetor.

No escopo do controle biológico, conforme descrito na introdução deste trabalho, há estratégias tidas como efetivas e promissoras, que não foram reportadas nas matérias do presente estudo.

5.2 ANÁLISE QUALITATIVA: O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O CONTROLE DO VETOR

Outra lacuna importante na cobertura ora analisada refere-se ao manejo integrado, também chamado de controle integrado do vetor (AXTELL, 1979), que implica a existência concomitante de controle mecânico ou ambiental, controle social e educativo, controle químico e controle biológico. Na ausência de qualquer uma dessas ações de controle do mosquito, não se pode falar em manejo integrado.

O conceito de controle integrado, para Carlos CAMPELLO (2016), consultor nacional da dengue da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), agrega conceitos específicos, entre os quais o controle cultural, feito por meio de campanhas e mobilização social; o controle físico, como a colocação de telas de mosquiteiro em janelas e portas; e o controle jurídico ou legal, que assegura a aplicação da lei que permite a entrada em casa abandonadas ou às quais seus proprietários neguem o acesso da autoridade sanitária para a eliminação de criadouros. Segundo CAMPELLO, “[...] as formas de controle, quando aplicadas de forma integrada e coordenada, aperfeiçoam a eliminação da população de mosquitos”.⁴⁸

⁴⁸ CICLO DE ESTUDOS DISCUTE ESTRATÉGIAS PARA CONTROLE DO *Aedes Aegypti*. Portal da Saúde, Brasília, 14 out. 2016. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/noticias-svs/26036-ciclo-de-estudos-discute-estrategias-para-controle-do-aedes-aegypti>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

Nesta tese, o mancha integrado é empregado na análise qualitativa do noticiário, com vistas a identificar e compreender as estratégias de controle do vetor presentes nas mensagens jornalísticas, conforme os objetivos desta pesquisa. Para tanto, é preciso entender a lógica editorial (forma e conteúdo) que orienta o jornalismo impresso, descrita a seguir.

As matérias são distribuídas na mancha gráfica⁴⁹ do jornal de acordo com a relevância da informação/acontecimento. Nos jornais diários, as notícias consideradas importantes no horizonte de atualidade jornalística projetada pela publicação são destacadas na capa (SOUSA, 2006), na forma de chamadas hierarquizadas, sendo o acontecimento mais importante, nessa perspectiva, transformado em manchete – originária do francês, a manchete ocupa sempre a parte superior da primeira página, sendo escrita em letras grandes e, geralmente, acompanhada por imagens. O espaço limitado da capa também é um indicativo da relevância que determinados acontecimentos têm para a publicação (MALINVERNI, 2011).

Nessa perspectiva, a análise qualitativa destacou as matérias (Anexo 7) com maior número de informações sobre a dengue – textuais e imagéticas –, a partir de um sistema de pontos com valor 1 para cada item constante das 30 matérias. Com relação às imagens (fotografias e infográficos), as matérias que agregam imagens tiveram maior destaque, quando comparadas àquelas que trazem apenas texto. Destaque-se que, independentemente da quantidade e tipo de suporte imagético empregado, atribuiu-se valor “1” para presença de foto ou presença de infográfico. As capas (Anexo 6) também foram consideradas como destaque e, conseqüentemente, pontuadas.

Também as charges foram pontuadas com valor “1”. Saliente-se que as charges não fazem parte da matéria, porém, de acordo com a regra da homogeneidade (BARDIN, 2011), todas as informações sobre dengue pertencentes às edições selecionadas no *corpus*

⁴⁹ Mancha gráfica é um termo utilizado na diagramação de jornais para se referir ao espaço delimitado de impressão dentro de uma página. Uma das finalidades do projeto gráfico de um jornal é atrair e manter a atenção do leitor para a publicação, tornando a experiência de leitura das notícias fácil e agradável. A primeira página do jornal funciona como um convite à leitura ou à compra da edição, enquanto as páginas internas dão continuidade a essa experiência, oferecendo informações e entretenimento (VILLAS-BOAS, 2010).

devem ser consideradas. Foram encontradas três charges em anos distintos: 2012, 2013 e 2014. À seguir o quadro com todas as matérias do período estudado.

Quadro 3 – Matérias jornalísticas sobre a dengue no município de Santos, SP, e seus recursos imagéticos em estudos realizados no período de 2012 a 2015.

Nº	Data	Título em página interna	Título capa	Capa	Foto.	Infog.	Charge	Total
1	01/11/2012	Dengue cresce 335% em relação a 2011	Dengue tem crescimento de 335,6% em Santos	X	X	-	X	3
2	28/12/2012	Calor, chuva e risco de dengue: cuidado	-	-	X	-	-	1
3	05/01/2013	Nova administração combate à dengue pelas residências da orla	-	-	X	-	-	1
4	07/02/2013	Mosquitos da dengue dividem espaço com usuários de droga	-	-	X	-	-	1
5	12/03/2013	Dengue cria uma tragédia familiar	Dengue vira um drama familiar na Encruzilhada	X	X	X	-	3
6	20/03/2013	Dengue: casos já somam 2.116 na BS	Dengue avança: já são 2.116 casos	X	X	X	-	3
7	20/03/2013	Rapaz é diagnosticado de forma equivocada	-	-	-	-	-	-
8	28/03/2013	Dengue vira epidemia; há morte suspeita	-	-	X	X	-	2
9	13/04/2013	SV confirma 1ª morte por dengue	Confirmada a primeira morte por dengue	X	X	-	-	2
10	08/05/2013	Dengue próxima dos 20 mil casos	Número de casos de dengue se aproxima dos 20 mil na região	X	X	X	X	4
11	08/05/2013	Nas salas de espera dos PSs, dengue dá lugar à gripe	-	-	X	-	-	1
12	18/10/2013	Reforço contra a dengue em 2014	Mais de 600 agentes na luta contra a dengue	X	-	-	-	1
13	20/11/2013	Região em alerta contra a dengue	-	-	X	-	-	1
14	06/12/2013	Região já soma 120 casos de dengue	-	-	X	-	-	1
15	01/02/2014	Dengue tem queda, mas alerta segue	-	-	X	X	X	3
16	10/09/2014	Dengue preocupa e já mobiliza autoridades de Saúde santistas	-	-	X	-	-	1
17	18/09/2014	Nova febre mobiliza Saúde na região	-	-	-	X	-	1
18	17/12/2014	Dengue põe Saúde de Santos em alerta	-	-	X	-	-	1
19	10/01/2015	Dengue na mira de Santos	Prefeitura adota novas ações para combate a dengue	X	-	-	-	1
20	19/01/2015	Dengue na região é fonte de pesquisa	-	-	X	X	-	2
21	19/01/2015	Prefeitura usa resultado de artigo	-	-	X	-	-	1
22	25/03/2015	Seis mortes na BS podem ter sido provocadas pela dengue	Há seis mortes por suspeita de dengue	X	-	X	-	2
23	19/04/2015	Saúde capacita mais de 200 funcionários	-	-	-	-	-	-
24	27/04/2015	Alunos criam fábulas sobre a dengue a partir de reportagens	-	-	X	-	-	1
25	27/04/2015	Dengue muda rotina de unidades de saúde nas cidades da região	Dengue altera a rotina de unidades de saúde da região	X	X	-	-	2
26	05/05/2015	Confirmadas mais mortes por dengue	Confirmadas outras duas mortes por dengue	X	X	X	-	3
27	05/05/2015	Plano de Saúde tem novo serviço	-	-	-	-	-	-
28	05/05/2015	Mais duas doenças podem surgir	-	-	X	-	-	1
29	13/05/2015	Família denuncia morte por dengue	Outra morte por dengue é investigada	X	X	X	-	3
30	13/05/2015	Estado aponta 4 óbitos no ano devido à doença	-	-	-	-	-	-

Utilizamos a pontuação para analisar qualitativamente o noticiário, considerando que quanto mais pontuada mais completa é a matéria. O quadro 5.3 apresenta o total de matérias referentes à cidade de Santos publicadas em *A Tribuna*, no período de 2012 a 2015. A partir destes dados é possível visualizar no Gráfico 3 que a maioria das edições analisadas privilegiou a fotografia entre os dispositivos de informação visual, embora tenham recorrido também aos infográficos. Dessa forma, segundo SOUSA e LIMA (2006, p. 130)

Fazendo-nos testemunhas indiretas dos acontecimentos, facultando-nos *o direito a ver*, gozando de um elevado potencial de credibilidade e constituindo um dos fatores identitários da imprensa, as fotografias jornalísticas contribuem para dar sentido ao mundo.

Gráfico 3 – Fotografias, infográficos e charges presentes na cobertura de *A Tribuna* sobre dengue em Santos em estudo realizado no período de 2012 a 2015.

No Gráfico 3, em todo período estudado, a maioria das matérias analisadas é ilustrada por fotografia e, em número menor, por infográficos. Destaque-se que no ano de 2012 não foram encontrados infográficos, assim como 2015 não apresentou charge.

Apontada como o recurso imagético mais utilizado, na cobertura realizada pela *Tribuna* algumas matérias apresentam mais de uma fotografia; é o caso da matéria de 07/02/2013 (“Mosquitos da dengue dividem espaço com usuário de drogas”), com três fotos, e da matéria de 20/11/2013 (“Região em alerta contra a dengue”), com duas fotos.

Observam-se raras matérias sem nenhum recurso de imagem, como a que foi publicada no dia 10/01/2015 (“Dengue na mira de Santos”).

Das 11 capas sobre a dengue, apenas duas referem-se ao controle do mosquito *Aedes aegypti*: a do dia 18/10/2013, intitulada “Mais de 600 agentes na luta contra a dengue”, e a do dia 10/01/2015, “Prefeitura adota novas ações para combater a dengue”. As demais matérias que também foram destacadas na capa abordaram temas sobre a doença dengue – morbidade, epidemia, incidência e letalidade –, caso da matéria de 25/03/2015, de título “Há seis mortes por suspeita de dengue” (Figura 7), que se destaca por ser manchete (chamada principal) da edição e aborda a letalidade por dengue. Importante ressaltar, porém, que quando analisada na sua totalidade, no interior do jornal, verificou-se na matéria a presença de temas secundários, entre os quais o controle do vetor.

Figura 7 – Manchete destaca número de mortes suspeitas por dengue.

Fonte: *A Tribuna*, 25/03/2015

Ainda com relação às capas, observou-se que nenhuma possui fotografia ou infográfico sobre a dengue, dado relevante uma vez que, de acordo com DONDIS (1997, p. 6), no jornalismo a imagem funciona como um reforço visual ao conhecimento, por muitas razões,

[...] a mais importante delas é o caráter direto da informação, a proximidade da experiência real (...) Ver é uma experiência direta, e a utilização de dados visuais para transmitir informação representa a máxima aproximação que podemos obter com relação à verdadeira natureza da realidade.

Para que haja entendimento da informação midiaticizada tanto por parte dos comunicadores quanto dos receptores, o indivíduo deve ser capaz de compreender a mensagem visual, implica dizer que ele deve estar visualmente alfabetizado. O alfabetismo visual não é um sistema tão lógico como a linguagem escrita aprendida na escola. As linguagens são sistemas inventados pelo homem para codificar, armazenar e decodificar informações. DONDIS (1997, p. 13) reforça:

Expandir nossa capacidade de ver significa expandir nossa capacidade de entender uma mensagem visual, e, o que é mais importante, de criar uma mensagem visual. A visão envolve algo mais do que o mero fato de ver ou de que algo nos seja mostrado. É parte integrante do processo de comunicação, que abrange todas as considerações relativas às belas artes, às artes aplicadas, à expressão subjetiva e à resposta a um objeto funcional.

Com relação à presença do infográfico nas matérias no interior do jornal, nota-se que este recurso foi utilizado para ilustrar a informação técnica e complementar a mensagem do texto, como exemplifica o infográfico de um mapa de Santos que indica as regiões da cidade em que são registrados os maiores índices de infestação do mosquito, veiculada no dia 12/03/2013, sob o título “Dengue cria uma tragédia familiar” (Figura 8). O recurso se destaca por chamar a atenção do leitor e ilustrar um dos parágrafos da matéria:

Semanalmente, a Secretaria Municipal de Saúde faz o levantamento do índice de infestação de mosquitos *Aedes aegypti*. São instaladas armadilhas em diversos pontos da cidade para apreender a fêmea da espécie, responsável pela transmissão da doença. A partir do relatório dos bairros mais afetados (veja quadro) são programados os mutirões das equipes que trabalham no combate ao mosquito (A *TRIBUNA*, p. A3).

As informações dos infográficos, somadas ao texto, são melhor compreendidas pelo leitor, uma vez que a infografia, apesar de não ser um testemunho da realidade, como a fotografia, apresenta-se como um indício de realidade, é uma descrição, atuando como uma instrução lógica.

Figura 8 - Infográfico “O mapa de infestação em Santos”, localizado em matéria jornalística em estudo sobre a dengue em Santos, SP, de 2012 a 2015.

Fonte: A Tribuna, 12/03/2013

Um modelo de infográfico bastante utilizado traz informações em tópicos, na forma de um *check-list*, caso da matéria publicada no dia 20/11/2013 (“Região em alerta contra a dengue”, p.A-3), que descreve em tópicos os sintomas da dengue e os modos de controle do mosquito:

[...] como se prevenir: armazene corretamente a água limpa; elimine recipientes que possam acumular água; mantenha a caixa d’água fechada; monitore terrenos baldios ou ambiente como praças e, em caso de possíveis criadouros, comunique os responsáveis pelo setor de saúde de sua cidade.

Os outros infográficos, em formato de quadros, são utilizados para comparar os dados referentes ao número de casos de dengue e óbitos, nos anos anteriores e nas cidades da Baixada Santista, sem, contudo, trazer informações acerca do controle do vetor.

Também na matéria “Dengue cria uma tragédia familiar” (Figura 8) ressalta-se a utilização da fotografia e do infográfico concomitantemente na edição. Sobre a análise desse suporte no fotojornalismo, JOLY (1996, p. 133) se utiliza da interpretação para compreender a informação contida nas fotografias,

Não há como analisar uma imagem, interpretá-la, sem descrevê-la [...] quer queiramos, quer não, as palavras e as imagens

revezam-se, interagem, complementam-se e esclarecem com uma energia revitalizante. Longe de se excluir, as palavras e as imagens nutrem-se e exaltam-se umas às outras.

Na composição fotográfica é possível analisar vários elementos de acordo com o viés de interesse. Neste estudo elegemos a cor, tomando como destaque a foto colorida, e o enquadramento (Anexo 3 – “Matéria jornalísticas sobre dengue com análise fotográfica”), respectivamente empregados na perspectiva de SOUSA (2002) e MUSBURGER (2008), e descritos no Quadro 4.

Quadro 4 – Enquadramento de fotografias sobre a dengue em Santos, SP, no jornal *A Tribuna* em estudo realizado no período de 2012 a 2015.

Sigla	Nomenclatura	Descrição do enquadramento
PPP	Primeiríssimo plano próximo	Usado para mostrar um detalhe fino ou se concentrar em um objeto específico
CUP	<i>Close-up</i>	Usado para mostrar um detalhe não notado no plano mais amplo
PM	Plano médio	Usado para mostrar uma relação entre objetos, geralmente é considerada a tomada da cintura para cima de uma ou mais pessoas no quadro, às vezes considera uma tomada de corpo todo
PM	Plano geral	Usado para estabelecer a locação ou o ambiente em que a cena vai se desenrolar
TM	Tomada de rosto ou 3x4	Enquadra o rosto da pessoa da extremidade da cabeça até o queixo ou até abaixo do pescoço

O controle químico, ou seja, as ações de controle do mosquito baseadas na aplicação de inseticidas, também aparece como tema de muitas fotografias. A matéria do dia 08/05/2013, “Dengue próxima dos 20 mil casos”, figura 9, apesar de ter um título sobre o número de casos da dengue, mostra o agente paramentado de EPI (Equipamento de proteção individual) para fazer a nebulização de adulticidas, conhecida com fumacê, em prédio de Santos. O enquadramento é o plano médio, pois é possível identificar parte do ambiente e parte do corpo do agente.

[illegible]

A notícia cujo título é “Nova administração começa combate à dengue pelas residências da orla”, publicada em 05/01/2013 (Figura 10), possui uma fotografia que ilustra o tema III (Combate da dengue) e se refere ao controle mecânico, uma das ações do manejo integrado. Seu enquadramento é o plano médio, pois é possível observar a relação entre a pessoa do quadro com o objeto. A imagem mostra que a agente de saúde fiscaliza uma lata em uma bancada em busca da presença de larvas do mosquito. Não é possível verificar o ambiente, se é um quintal ou uma oficina de trabalho.

Nova Administração começa combate à dengue pelas residências da orla

SANTOS -

REDAÇÃO

Na guerra contra a dengue, a próxima batalha do Santos será na orla. A Prefeitura quer visitar 35.500 residências de frente para o mar. O primeiro mutirão do ano acontece na terça-feira, às 13 horas, na Ponta da Praia.

A ideia é aproveitar este período de maior ocupação dos imóveis de temporada para reduzir os trabalhos de prevenção, tão pouco, nestas localidades, o índice de habitações fechadas durante as visitas não decorrer do ano super os 50%.

Os maiores de dengue justificam as estratégias para enfrentar os vetores da doença. Conforme dados do Centro de Epidemiologia do município de Santos, em 2011, o primeiro semestre de outras localidades da-

Tipolo 4: perigo

A principal preocupação das autoridades é a circulação de água de chuva. Na verdade, ele não é mais sem menos perigo do que as vacinas. 2, 3 e 4 anos tem potencial para provocar uma epidemia, já que quase a totalidade da população ainda não foi vacinada por este tipo. Identificado mais recentemente na região.

um aumento de 178,5% no número de casos de dengue, em Santos, entre 2011 e 2012, no país.

Em 2011, foram registrados 178 casos (dentes, 23 importados de outras localidades) da-

rante o ano. Em 2012, o registro foi de 498. Vale ressaltar que os dados de 2012 foram atualizados no dia 10 de dezembro, o que significa que a diferença pode ser ainda maior.

Além de colocar em risco a saúde da população, manter os imóveis fechados para a visita dos agentes pode gerar má-Quando não é feita a inspeção, o agente de controle de vteretorna ao imóvel dentro do trabalho de rotina.

Em caso de a casa permanecer fechada ou se houver recusa, o proprietário pode receber termo de intimação ou ato de infração com multa de R\$ 200,00 a R\$ 5 mil.

De acordo com a Prefeitura, desde a promulgação da Lei Complementar nº 61/2010, que prevê esta sanção, já foram em-

Os mutirões serão realizados na Ponta da Praia, Aparecida, Boqueirão, Embaé, Pompeia e mais bairros

tiliza 246 termos de intimação e 22 autorizações de infração. Após o mutirão da Ponta da

Praia estão programados outros, também às terça-feiras, na Aparecida (15), Boqueirão e

Embaé (22). Gerson (20) e Pompeia (20). José Meinho (5 de fevereiro).

70

Também explora o tema referente às denúncias de criadouros, como é o caso do texto veiculado em 28/12/2012, (ver Anexo 7), cujo título é “Calor, chuva e risco de dengue: cuidado”, ilustrado pela imagem de uma obra abandonada na cidade de Santos, onde é visível o grande acúmulo de água de chuva, promovendo, assim, na visão do jornal, um amplo criadouro a céu aberto.

Observou-se que muitos títulos descrevem o problema da incidência e da letalidade da doença, deixando informações relacionadas ao seu controle e/ou prevenção da doença para os infográficos e fotografias. Um exemplo dessa opção editorial está dado no infográfico publicado junto com a matéria “Seis mortes na BS podem ter sido provocadas pela dengue” (25/03/2015), figura 11. O infográfico traz várias informações minuciosas sobre a dengue, os sinais de alerta, esclarece dúvidas acerca dos casos em grávidas, crianças e adultos, e, no entanto, seu título faz referência direta aos óbitos, indicando uma opção editorial pela quantificação e letalidade da doença.

Figura 11 – “Seis mortes na BS podem ter sido provocadas pela dengue”, matéria sobre dengue em Santos, SP, no período de 2012 a 2015.

Seis mortes na BS podem ter sido provocadas pela dengue
A suspeita de contaminação é investigada

Contaminados
3.432 casos de dengue estão confirmados nas onze cidades da Baixada Santista

Fique atento aos sinais

CRISTIANAS
A dengue na criança pode aparecer sem sintomas. Chegando com uma febre alta, a criança pode vir com vômito e sintomas mais específicos, como dor de cabeça, falta de vontade de se alimentar e de beber alguma coisa, letargia, irritação no corpo etc.

Fique de olho quando é preciso internar
Se a criança não beber ou vomitar ou tiver alguma coisa, é preciso internar.

Procure um médico se perceber...
A criança bastante irritada ou com mais sono do que o normal.
Mudança na cor da pele e da gengiva. Nesse caso, é importante procurar um médico imediatamente.
Inchaço no corpo e partes do corpo com manchas vermelhas.
Inchaço no corpo e partes do corpo com manchas vermelhas.
Inchaço no corpo e partes do corpo com manchas vermelhas.

Grávidas
O que pode acontecer se a grávida pega dengue?
No começo da gravidez, há chances de um aborto. Quando a contaminação é no meio da gravidez, a dengue não é transmitida para o feto nem compromete seu desenvolvimento, mas pode provocar um parto prematuro. Também há chances de complicações para a mãe e os cuidados devem ser redobrados para evitar hemorragias, problemas no fígado e convulsões.

Idosos
O que pode acontecer se eles pegarem a doença?
Os idosos são mais vulneráveis. Eles estão mais propensos a terem dengue hemorrágica, justamente por ficarem mais tempo internados e serem portadores de algumas outras doenças, que tendem a complicar o curso da dengue. A partir do 4º dia de febre, há uma chance de 10% de que o paciente vá morrer e se o caso não for tratado, há uma chance de morte.

Sintomas
Se você tem sintomas de dengue, procure um médico imediatamente. Se você tem sintomas de dengue, procure um médico imediatamente. Se você tem sintomas de dengue, procure um médico imediatamente.

Sintomas de choque de dengue
1. Febre alta e constante.
2. Diminuição da pressão de pulso.
3. Pele fria úmida, com manchas pelo corpo.
4. Ausência de febre.
5. Diminuição ou aumento na frequência cardíaca.
6. Aumento na quantidade de vômitos que se seguem, como se estivesse cansado.
7. Diminuição da quantidade de urina.
8. Agitação.

Fonte: A Tribuna, 25/03/2015

O uso da charge – do francês *charger*, que significa carga, carregar, exagerar ou ainda atacar violentamente (FONSECA, 1999) – nas mídias impressas, notadamente no jornalismo, tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento cotidiano, exagerando nos traços de caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco. A ilustração da charge mostra os pormenores caracterizados de personagens, situações, ambientes, objetos:

Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la sem considerar os dois códigos, complementarmente associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado-aquele e não outro qualquer” (FLORES, 2002, p. 14).

Para MARQUES DE MELO (2003), charge é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, e pode se apresentar somente através de imagens ou combinando imagem e texto (título, diálogos). Como visto, apesar de não ser um gênero jornalístico e sim opinativo, segundo a perspectiva teórica adotada, nesta tese optou-se por apresentar a charge sobre dengue uma vez que uma das regras da constituição do *corpus*, a homogeneidade, diz que “[...] os documentos obtidos devem ser da mesma natureza ou se reportarem ao mesmo assunto” (DUARTE, 2005, p. 293).

Em todo o período estudado observou-se três charges, à exceção do ano de 2015. Todas são coloridas e trazem como personagem principal o mosquito *Aedes aegypti*, conforme é possível observar no quadro abaixo.

Quadro 5 – Charges sobre dengue veiculadas no jornal em estudo realizado em Santos, SP, no período de 2012 a 2015.

Data	Título da charge	Tema	Editoria	Categoria	Subcategoria
01/11/2012	Verão	Infestação/mosquito	Local A-6	4. O mosquito vetor <i>Ae.aegypti</i>	4.2 Infestação do mosquito
08/05/2013	Dengue	Controle do vetor	Local A-4	3.Medidas de controle do mosquito vetor	3.2 Aplicação de inseticida
01/02/2014	Diminuem os casos de dengue	Controle do vetor	Cidades	3.Medidas de controle do mosquito vetor	3.2 Aplicação de inseticida

Abaixo estão as imagens das charges encontradas no período estudado, no total de três.

Figura 12 – Charge “Verão”.

Fonte: A Tribuna, 01/11/2012

Figura 13 – “Dengue”

Fonte: A Tribuna, 08/05/2013

Figura 14 – “Diminuem os casos de dengue”.

Fonte: A Tribuna, 01/02/2014

6 CONCLUSÕES

Ancorado nos referenciais teórico metodológicos da comunicação e análise de conteúdo (AC), este estudo permitiu conhecer e identificar, por meio da análise de conteúdo textual e imagético, os temas do noticiário regional sobre a doença dengue, além de verificar a presença dos métodos de controle do mosquito *Aedes aegypti* em Santos, principal município da Região Metropolitana da Baixada Santista, em matérias veiculadas pelo principal meio de comunicação de massa regional, o jornal *A Tribuna*. O achado principal foi o fato de não existir informação no noticiário sobre o controle biológico do mosquito.

É notório que a dengue, entre as doenças infecciosas brasileiras, sem dúvidas é aquela mais referida no noticiário das últimas décadas. Os dados apurados na presente pesquisa apontam que houve uma preocupação editorial permanente de *A Tribuna* em manter o tema em evidência, no período analisado, quando o município de Santos registrou um aumento na ocorrência da doença. Também demonstrou que o enfoque jornalístico privilegiou o desfecho da dengue, quer no que tange à sua incidência, quer em número de óbitos provocados pela doença, o que pouco contribui para a educação da população na perspectiva das mudanças de hábitos e atitudes. Há uma inconstante carência de notícias voltadas para prevenção do vetor, notadamente numa abordagem que privilegie a bioecologia. Estudos indicam que as informações focadas no comportamento do mosquito, quando apresentadas em linguagem acessível aos leitores, formado majoritariamente por um público leigo, podem ser instrumento de controle mais eficiente e assertivo do vetor e, conseqüentemente, da doença.

Nessa perspectiva, a abordagem jornalística perde sua força ao deixar prevalecer o sensacionalismo, expresso na opção editorial que privilegia casos e óbitos, sobre o caráter educativo, um aspecto restritamente encontrado nesta pesquisa. É de se supor que as estratégias discursivas em geral falham por não explorarem a relação direta entre a disseminação da doença e a reprodução do vetor. Um volume muito pequeno de informações diz respeito ao saneamento do meio ambiente e o correto gerenciamento dos resíduos sólidos. Dessa observação depreende-se que se o enfoque da mídia fosse nessa direção, certamente ela representaria mais uma força de caráter público propulsora de

estímulos para a adoção de hábitos capazes de dificultar a cadeia de transmissão dos sorotipos da dengue.

Este estudo buscou ainda as notícias sobre as principais estratégias utilizadas no manejo integrado. Ressalte-se, no entanto, que não foram publicadas muitas informações que compõem o chamado manejo biológico, que são de responsabilidade da administração pública. Sabe-se que a junção de todas as ações (ambiental-química, biológico-mecânica e educativa) garantem a eficiência do plano de controle da dengue. Havendo falha em algum desses pontos, o resultado final pode ser frustrado e a doença, expandida. Questiona-se se a omissão das informações sobre manejo integrado na cobertura reflete uma falha no processo de apuração jornalística ou da vigilância em saúde municipal na aplicação das medidas relativas ao controle vetorial, comprometendo a ação.

Os temas encontrados no fotojornalismo do jornal *A Tribuna* são relevantes para a problemática da dengue na região da Baixada Santista, porém o enquadramento da fotografia ou os elementos da composição da imagem escolhidos muitas vezes não são coerentes com o texto. Com relação às denúncias da população sobre imóveis que se tornaram criadouros, que aparecem em maior número tanto nas imagens quanto nos textos, é possível supor que falta pessoal capacitado para atuar na fiscalização desses locais, indicando falha da gestão pública. Por outro lado, também é possível inferir que falta maior empenho da população em fiscalizar sua própria casa, jardim ou quintal.

No universo da amostra trabalhada esperava-se encontrar muitas imagens do mosquito vetor da dengue. No entanto, a única fotografia localizada, em que foi possível visualizar alguns mosquitos, estava fora de foco, não sendo por isso possível identificar seu gênero nem espécie. Nesse sentido, a imagem não contribui para elucidação de questionamentos dos leitores acerca do vetor, gerando mais dúvidas ainda sobre as características físicas do *Aedes aegypti*.

Com a produção de noticiários, a imprensa escrita está exercendo sua função de informar a população sobre a dengue e seu vetor. Mas, do ponto de vista do potencial imagético, o presente trabalho revela que o número de matérias ilustradas com fotografias é restrito. Encontramos em várias matérias tabelas com números de casos de dengue no decorrer dos meses, comparativos entre as cidades, explicações sobre a sintomatologia, mas fotografias ilustrativas da dengue e do seu vetor foram poucas. Na amostra estudada, além do número pequeno de imagens, foi possível constatar que o foco eram os agentes de saúde, pacientes aguardando atendimento, fachada de hospitais, quintal com entulho. Mostrar meramente uma piscina com água parada pouco revela da associação deste meio

líquido com as formas imaturas do vetor. Notou-se principalmente a ausência de matéria de natureza educativa, voltada para melhorar a compreensão da população acerca do vetor e, com isso, estimulando-o a cooperar com o seu controle. Outra limitação foi a repetição do olhar fotográfico durante os três anos estudados.

A capa do jornal é o local onde estão resumidos, em manchetes ou chamadas, as informações mais relevantes daquela edição. Apesar de a dengue ter sido manchete em 12 edições, nenhuma delas foi ilustrada com fotografias – todas as imagens fotográficas foram encontradas no interior do jornal, nas editorias “Cidades” e “Local”. Para o leitor que se utiliza apenas da linguagem visual é como se não houvesse existido uma epidemia de dengue nos três anos que abrangem a amostra. Nenhuma capa com fotografia do mosquito ou com imagem de criadouro com larvas foi encontrada no universo estudado. Considerando esses achados, a informação foi omitida para este leitor.

A questão epidemiológica se complica com a atual expansão pelo Brasil das febres chikungunya e zika, cujos patógenos são veiculados pelo mesmo vetor, o *Aedes aegypti*. Essa tríplice interação de arboviroses representa um desafio muito maior para o país, mas os meios de comunicação ainda não estão prontos para divulgar matérias colaborativas. Torna-se necessário o preparo e o envolvimento de jornalistas mais capacitados para discorrer sobre doenças, cuja formação possa articular outros campos do conhecimento, extrapolando os temas clássicos abordados pelos jornais, como a política, a economia, o esporte e a cultura, os que mais ocupam as páginas de nossos jornais.

Por outro lado, esta pesquisa sinaliza para a importância da comunidade científica e acadêmica de gerar conhecimento acessível aos setores da população não perita, o chamado público leigo, focando a divulgação de seus estudos não apenas nos periódicos científicos de relevante impacto, normalmente internacionais. Dito de outro modo, além de focar seus achados na divulgação entre seus pares, cientistas e acadêmicos deveriam contribuir de forma mais efetiva com o jornalismo brasileiro, na promoção de informações, artigos e cursos de aperfeiçoamento de profissionais aptos a veicular a notícia correta, com vistas a impactos diretos da ciência na redução dos fatores determinantes da doença aqui focalizada, bem como daquelas que integram o amplo leque de doenças transmitidas por vetores, como zika, chikungunya, leishmaniose, Chagas, esquistossomose e demais. Se agissem nessa direção, trariam contribuição efetiva para a construção de uma sociedade mais informada e com condições de cuidar cada vez melhores de sua própria saúde.

A reincidência da dengue na Baixada Santista é um desafio para as autoridades públicas de saúde e para a população local e também para aquela que mantém casas de veraneio ou só visita a cidade no período de férias, dado que o mosquito não guarda predileção por moradia habitada ou de ocasião. Basta que esta apresente condições de desenvolvimento de seu ciclo de vida para que se instale nelas. Parte da solução para o controle da dengue seria uma eficaz política que propiciasse melhorias nas condições de vida e diminuísse a desigualdade social. Entre outras ações, isso envolve maiores investimentos em saneamento básico, no descarte de resíduos sólidos pelas ruas e terrenos na região. Nesse complexo campo de controle e prevenção de doenças transmitidas por vetores, a mídia tem papel fundamental. Um leitor mais informado é mais atuante no combate aos criadouros do mosquito.

7 REFERÊNCIAS

ARANTES, E. B. **O Porto Negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do sec. XX**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) -Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

AXTELL, R. C. Principles of integrated pest management (IPM) in relation to mosquito control. **Mosquito News**, [s.l.], v. 39, n. 4, p. 669-672, 1979. Disponível em: <<https://repository.lib.ncsu.edu/bitstream/handle/1840.2/2170/95%20Axtell%201979.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

BAHIA, J. **Jornalismo, informação e comunicação**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.

_____. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARATA, R. C. B. Saúde e direito a informação. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 385-99, 1990.

BARBA, C.C. Análisis de contenido y etnografía em el estudio de la produccion de noticias. In: RUIZ, E S; BARBA, C C (Org.). **Investigar la comunicación: propuestas ibero-americanas**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara/Alaic, 1994. P.135-157

BARBOSA, A. F. **O mundo globalizado: política, sociedade e economia**. São Paulo: Contexto, 2001.

BARROS, A.T.; TARGINO, M.G. **A análise de conteúdo como método qualitativo na pesquisa em comunicação**. Brasília, 2000.

BARRETO, M. L.; TEIXEIRA, M. G. Dengue no Brasil: situação epidemiológica e contribuições para uma agenda de pesquisa. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 53-72, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23.11.2016>. Acesso em: 22 nov. 2016.

BARTHES, R.A **câmara clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1984.

BAUER M.W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER M.W., GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRAGA, I. M.; SAN MARTIN, J. L. **Histórico do controle de *Aedes aegypti***. In: Valle D, Pimenta DN, Cunha RV (editores). **Dengue: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Diretrizes nacionais para a prevenção e controle de epidemias de dengue**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <https://mooc.campusvirtualsp.org/repository/coursefilearea/file.php/27/zika_es/res/ul/diretrizes_nacionais_prevencao_controle_dengue.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Dengue: diagnóstico e manejo clínico: adulto e criança** [recurso eletrônico]. 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

CALDAS, S. T. **Portos do Brasil: a história passa pelo mar**. São Paulo: Horizonte, 2008.

CAMINITI, G. B. **Padrões espaciais e variáveis climatológicas associados à dengue no município de Ribeirão Preto entre 2001 e 2010**. 2015. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CAMPONEZ, C. **Jornalismo de proximidade** – Rituais de comunicação na imprensa regional. Coimbra: Minerva, 2002.

CLARO, L. B. L.; TOMASSINI, H. C. B.; ROSA, M. L. G. Prevenção e controle do dengue: uma revisão de estudos sobre conhecimentos, crenças e práticas da população. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1447-1457, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000600002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2017.

CONSOLI, R. A. G. B.; OLIVEIRA, R. L. **Principais mosquitos de importância sanitária no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

COOPER, F. Dockworkers and labour history. In: DAVIES, Sam et al (orgs). **Dock Workers: International Explorations in Comparative Labour History, 1790-1970**. Ashgate, Ashgate publishing 2000, p.542-559.

COSTA, J. Z. A. de. Da luta à pauta: o agendamento da luta sindical na imprensa diária. In: GOMES, A. (Org.). **Além da notícia**. Natal: EDUFRN, 2006.

COSTA, A. I. P.; NATAL, D. Distribuição espacial da dengue e determinantes socioeconômicos em localidade urbana no sudeste do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 232-236, 1998. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0034-89101998000300005>. Acesso em: 9 nov. 2016.

CHARAUDEAU, P. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto; 2006.

CHIODETTO, E. **Fotojornalismo: realidades construídas e ficções documentais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DJIK, T. **La noticia como discurso** – comprensión, estrutura y producción de información. Barcelona: Paidós, 1996.

DONDIS, D.A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUARTE, J; BARROS, A. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

EPSTEIN, I. **Divulgação científica**. São Paulo: Pontes, 2002.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Editora Ática, 2008.

FABRIS, A. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1991.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. **Matrizes**, [s.l.], v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/view/5236/5260>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

FERNANDES, M. A. B.; NATAL, D.; DOMINGOS, M. F. Aspectos epidemiológicos da transmissão de dengue em Santos, São Paulo, no período de 1997 a 2012. **Journal Health and Biological Sciences**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 5-12, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unichristus.edu.br/index.php/jhbs/article/view/45>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

FERRAZ, L. M. R.; GOMES, I. M. A. M. A construção discursiva sobre a dengue na mídia. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 63-74, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2012000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2017.

FLORES, O. **A leitura da charge**. Canoas: Ed. Ulbra, 2002.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para a filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

FONSECA, J. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FONSECA JUNIOR, WC. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, J; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FORATTINI, O. P. **Ecologia, epidemiologia e sociedade**. São Paulo: Artes Médicas, 1992.

_____. **Culicidologia médica**: identificação, biologia e epidemiologia. São Paulo: Edusp, 2002.

GITAHY, M. L. C. **Ventos do mar** – Trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

GLASSER, C.M.; PEREIRA, M.; KATZ, G.; KAVAKAMA, B.B.; SOUZA, L.T.M.; FERREIRA, I.B.; ROCCO, I.M.; ALVES, M.C.G.P. Dengue no Estado de São Paulo: exemplo da complexidade do problema neste final de século. **Rev. CIP**. V. 2, n. 4, p. 11-20. 1999.

GONÇALVES, A. **Lutas e sonhos**: cultura política e hegemonia progressista em Santos. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

GREEN, A. The work process. In: DAVIES, S. et al. (Org.). **Dock workers**: international explorations in comparative labour history, 1790-1970. Ashgate: Ashgate Publishing, 2000. p. 560-579.

HENRIQUES, C. M. P.; DUARTE, E.; GARCIA, L. P. Desafios para o enfrentamento da epidemia de microcefalia. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 25, n. 1, p. 7-10, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ress/v25n1/2237-9622-ress-25-01-00007.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

JENSEN, K. B. Na fonteira: uma metanálise da situação da pesquisa sobre mídia e comunicação. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, ano 23, n.6, p.57-72, 2001.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 5. ed. São Paulo: Papirus, 2002

KIENTZ, A. **Comunicação de massa: análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

KRIPPENDORF, K. **Metodologia da análise de conteúdo**. Barcelona: Paidós, 1990.

KUCINSKI B. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, SP, v. 6, p. 181-186, fev. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n6/25.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. 3. ed. Florianópolis: Insular-Edufsc, 2001.

_____. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LENZI, M. F.; COURA, L. C. Prevenção da dengue: a informação em foco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Uberaba, n. 37, p. 343-50, 2004.

LIMA, V.A. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

LIMA-CAMARA, T. N.; URBINATTI, P. R.; CHIARAVALLLOTI NETO, F. Encontro de *Aedes aegypti* em criadouro natural de área urbana, São Paulo, SP, Brasil. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 50, n. 3, p.1-4, 2016.

LOPES, M. A. O aprendizado da agricultura no combate ao *Aedes aegypti*. **Embrapa**, [s.l.], 15 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/10724909/artigo---o-aprendizado-da-agricultura-no-combate-ao-aedes-aegypti>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

LOZANO, J C. Hacia la reconsideración del análisis de contenido em la investigacion de los mensajes comunicacionales. In: RUIZ, E S; BARBA, C C (Org.). **Investigar la comunicación: propuestas ibero-americanas**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara/Alaic, 1994. P.135-157

MALINVERNI, C. **Epidemia midiática**: um estudo sobre a construção de sentidos na cobertura da *Folha de S.Paulo* sobre febre amarela, no verão 2007-2008. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____; CUENCA, A. M. B.; BRIGAGÃO, J. I. M. Epidemia midiática: produção de sentidos e configuração social da febre amarela na cobertura jornalística, 2007-2008. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 853-871, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v22n3/02.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2015.

_____. **Epidemia midiática de febre amarela**: desdobramentos e aprendizados de uma crise de comunicação na saúde pública brasileira. 2016. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARQUES DE MELLO, J. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.

_____. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Mantiqueira, 2003.

_____. **Jornalismo: compreensão e reinvenção.** São Paulo: Saraiva, 2009.

_____; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016.

MARTINEZ-TORRES, M. E. **Dengue hemorrágico em crianças.** Havana: José Martí, 1990.

McCOMBS, M. **A teoria da agenda.** A mídia e a opinião pública. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** 4. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1964.

MEDLOCK, J. et al. The impact of transgenic mosquitoes on dengue virulence to humans and mosquitoes. **The American Naturalist**, [s.l.], v. 174, n. 4, p. 565–577, 2009.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em:
<http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 05.5.2017.

MOTTA, L.G. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C; BENETTI, M. (Orgs). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

MUSBURGER, R. **Roteiro para mídia eletrônica.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

OLIVEIRA R. L. Biologia e comportamento do vetor. In: VALLE, D.; PIMENTA, D.N.; CUNHA, R. V. (Org.). **Dengue: teorias e práticas.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

OLIVEIRA, V. de C. As fabulações jornalísticas e a saúde. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. (Org.). **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014. p. 35-60.

OLIVEIRA, E. M.; VICENTINI, A. **Fotojornalismo: uma viagem entre o analógico e o digital.** São Paulo: Cengage Learning, 2009.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Dengue and dengue haemorrhagic fever in the Americas: guidelines for prevention and control.** Washington: Opas, 1997.

- PENA, F. **Teoria do jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- PEEN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER M.W., GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PEREZ, N. J.; MORENO, W. D. La política publica de privatización del sector portu y su impacto em la organizacions del trabajo em el Puerto de Buena-Ventura. **Pensamiento & Gestion**, Barranquilla, n. 25, jul./dez. 2008.
- PERSICHETTI, S. **Imagens da fotografia brasileira**. São Paulo: Estação Liberdade, Senac, 2000.
- QUEIRÓZ, M. F. F.; MACHIN, R.; COUTO, M.T. (Orgs.) **Porto de Santos: saúde e trabalho em tempos de modernização**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2015.
- _____.; GERALDO, J. V. O trabalho portuário até 1970: contexto internacional e nacional. In: QUEIRÓZ, M. F. F.; MACHIN, R.; COUTO, M.T. (Orgs.). **Porto de Santos: saúde e trabalho em tempos de modernização**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2015.
- RIBEIRO, H. Vigilância de doenças infecciosas. In: _____. **Saúde global: olhares do presente**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 55-67.
- SCHUDSON, M. The menu of media research. In: BALL-ROKEACH, S. J.; CANTOR, M. G. (Ed.). **Media, Audience, and Social Structure**. Beverly Hills: Sage: 1986. p. 43-50.
- SILVA, M. A. R. da. Além do *newsmaking*: um olhar panorâmico para as pesquisas em jornalismo. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. (Org.). **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014. p. 61-83.
- SILVA, F.T. **Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos nos entreguerras**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia das Letras, 200.
- SOUGEZ, M. **Historia de La fotografia**. Ediciones Cátedra S.A: Barcelona, 2001.
- SOUSA, J. P. **A notícia e seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 1999.
- _____. Construindo uma teoria multifactorial da notícia como uma teoria do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 73-92, jan. 2005. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2090/1831>>. Acesso em: 15 abr. 2017.
- _____. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

_____. O dia depois: A reacção da imprensa portuguesa ao atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid. In: GOMES, A. (Org.). **Além da notícia**. Natal: EdUFRN, 2006. p. 159-207.

_____; LIMA, M. E. O. A cobertura fotojornalística do atentado à escola de Beslan em seis *newmagazines* portuguesas e brasileiras. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.2, n.2, p.111-139, 2006.

TABAKMAN, R. **A saúde na mídia** – Medicina para jornalistas, jornalismo para médicos. São Paulo: Summus Editorial, 2013.

TAUIL, P. L. O desafio do controle do *Aedes aegypti* e da assistência adequada ao paciente de dengue. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 153-154, 2007. Disponível em: <<http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/ess/v16n3/v16n3a01.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

_____. Aspectos críticos do controle da febre amarela no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 555-558, 2010.

TRAQUINA, N. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera Editores, 2007.

TUCCI, A. M. Uso de álcool e drogas no Porto de Santos. In: QUEIRÓZ, M. F. F.; MACHIN, R.; COUTO, M.T. (Orgs.). **Porto de Santos: saúde e trabalho em tempos de modernização**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2015.

TUCHMAN, G. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: Free Press, 1978.

VALLE, D.; PIMENTA, D. N.; CUNHA, R. V. **Dengue: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

VALLE, D.; BELINATO, T. A.; MARTINS, A. J. Controle químico de *Aedes aegypti*, resistência a inseticidas e alternativas. In: VALLE, D.; PIMENTA, D. N.; CUNHA, R. V. (Org.). **Dengue: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015. 458 p.

VILCHES, Lorenzo. **Teoria de La imagem periodística**. Barcelona: PaidósComunicación, 1987

VILELLA, E. F. M. **Dengue na mídia: tudo aquilo que você não vê**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

VILLAS-BOAS, A. **Produção gráfica para designers**. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2010.

WAMBOLDT, B. Content analysis: method, applications and issues. **Health Care Women Int**, [s.l.], v. 13, n. 3, p. 313-321, Jul./Sep. 1992.

WHITEHORN J.; FARRAR J. Dengue. **British Medical Bulletin**, [s.l.], v. 95, p. 161–173, 2010.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Global strategic framework for integrated vector management**. Geneva: WHO; 2004 [cited 2016 Nov 25]. 15 p. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/hq/2004/WHO_CDS_CPE_PVC_2004_10.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

ZARA, A. L. S. et al. Estratégias de controle do *Aedes aegypti*: uma revisão. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 391-404, June 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222016000200391&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1 May 2017.

ANEXOS -

ANEXO 1 – Amostra não probabilística de semanas compostas realizada nos exemplares do Jornal *A Tribuna*, no período de julho de 2012 a junho de 2015.

ANO 2012

Mês	Dia da semana	Dia do mês	Matéria Jornalística
Julho	2ª feira	2-jul-12	Não
	3ªfeira	10-jul-12	Não
	4ªfeira	18-jul-12	Não
	5ªfeira	26-jul-12	Não
Agosto	6ªfeira	3-ago-12	Não
	SAB	11-ago-12	Não
	DOM	19-ago-12	Não
	2ªfeira	20-ago-12	Não
	3ªfeira	28-ago-12	Não
Setembro	4ªfeira	5-set-12	Não
	5ªfeira	13-set-12	Não
	6ªfeira	21-set-12	Não
	SAB	29-set-12	Não
Outubro	DOM	7-out-12	Não
	2ªfeira	8-out-12	Não
	3ªfeira	16-out-12	SIM
	4ªfeira	24-out-12	Não
Novembro	5ªfeira	1-nov-12	SIM
	6ªfeira	9-nov-12	Não
	SAB	17-nov-12	Não
	DOM	25-nov-12	Não
	2ªfeira	26-nov-12	Não
Dezembro	3ªfeira	4-dez-12	Não
	4ªfeira	12-dez-12	Não
	5ªfeira	20-dez-12	Não
	6ªfeira	28-dez-12	SIM

ANO 2013

Mês	Dia da semana	Dia do mês	Matéria Jornalística
Janeiro	SAB	5-jan-13	SIM
	DOM	6-jan-13	Não
	2ªfeira	14-jan-13	Não
	3ªfeira	22-jan-13	Não
	4ªfeira	30-jan-13	Não
Fevereiro	5ªfeira	7-fev-13	SIM
	6ªfeira	15-fev-13	Não
	SAB	23-fev-13	Não
	DOM	24-fev-13	Não
Março	2ªfeira	4-mar-13	Não
	3ªfeira	12-mar-13	SIM
	4ªfeira	20-mar-13	SIM
	5ªfeira	28-mar-13	SIM
Abril	6ªfeira	5-abr-13	Não
	SAB	13-abr-13	SIM
	DOM	14-abr-13	SIM
	2ªfeira	22-abr-13	Não
	3ªfeira	30-abr-13	Não
Mai	4ªfeira	8-mai-13	SIM
	5ªfeira	16-mai-13	Não
	6ªfeira	24-mai-13	Não
Junho	SAB	1-jun-13	Não
	DOM	2-jun-13	Não
	2ªfeira	10-jun-13	Não
	3ªfeira	18-jun-13	Não
	4ªfeira	26-jun-13	Não

ANO 2013

Mês	Dia da semana	Dia do mês	Matéria Jornalística
Julho	5ªfeira	4-jul-13	Não
	6ªfeira	12-jul-13	Não
	SAB	20-jul-13	Não
	DOM	21-jul-13	Não
	2ªfeira	29-jul-13	Não
Agosto	3ªfeira	6-ago-13	Não
	4ªfeira	14-ago-13	Não
	5ªfeira	22-ago-13	Não
	6ªfeira	30-ago-13	Não
Setembro	SAB	7-set-13	Não
	DOM	8-set-13	Não
	2ªfeira	16-set-13	Não
	3ªfeira	24-set-13	Não
Outubro	4ªfeira	2-out-13	Não
	5ªfeira	10-out-13	Não
	6ªfeira	18-out-13	SIM
	SAB	26-out-13	Não
	DOM	27-out-13	Não
Novembro	2ªfeira	4-nov-13	Não
	3ªfeira	12-nov-13	Não
	4ªfeira	20-nov-13	SIM
	5ªfeira	28-nov-13	Não
Dezembro	6ªfeira	6-dez-13	SIM
	SAB	14-dez-13	Não
	DOM	15-dez-13	Não
	2ªfeira	23-dez-13	Não
	3ªfeira	31-dez-13	Não

ANO 2014

Mês	Dia da semana	Dia do mês	Matéria Jornalística
Janeiro	4ªfeira	8-jan-14	Não
	5ªfeira	16-jan-14	Não
	6ªfeira	24-jan-14	Não
Fevereiro	SAB	1-fev-14	SIM
	DOM	9-fev-14	Não
	2ªfeira	10-fev-14	Não
	3ªfeira	18-fev-14	Não
	4ªfeira	26-fev-14	Não
Março	5ªfeira	6-mar-14	Não
	6ªfeira	14-mar-14	Não
	SAB	22-mar-14	Não
	DOM	30-mar-14	Não
	2ªfeira	31-mar-14	Não
Abril	3ªfeira	8-abr-14	Não
	4ªfeira	16-abr-14	Não
	5ªfeira	24-abr-14	Não
Mai	6ªfeira	2-mai-14	Não
	SAB	10-mai-14	Não
	DOM	18-mai-14	Não
	2ªfeira	19-mai-14	Não
	3ªfeira	27-mai-14	Não
Junho	4ªfeira	4-jun-14	Não
	5ªfeira	12-jun-14	Não
	6ªfeira	20-jun-14	Não
	SAB	28-jun-14	Não

ANO 2014

Mês	Dia da semana	Dia do mês	Matéria Jornalística
Julho	DOM	6-jul-14	Não
	2ªfeira	7-jul-14	Não
	3ªfeira	15-jul-14	Não
	4ªfeira	23-jul-14	Não
	5ªfeira	31-jul-14	Não
Agosto	6ªfeira	8-ago-14	Não
	SAB	16-ago-14	Não
	DOM	24-ago-14	Não
	2ªfeira	25-ago-14	Não
Setembro	3ªfeira	2-set-14	Não
	4ªfeira	10-set-14	SIM
	5ªfeira	18-set-14	SIM
	6ªfeira	26-set-14	Não
Outubro	SAB	4-out-14	Não
	DOM	12-out-14	Não
	2ªfeira	13-out-14	Não
	3ªfeira	21-out-14	Não
	4ªfeira	29-out-14	Não
Novembro	5ªfeira	6-nov-14	Não
	6ªfeira	14-nov-14	Não
	SAB	22-nov-14	Não
	DOM	30-nov-14	SIM
Dezembro	2ªfeira	1-dez-14	Não
	3ªfeira	9-dez-14	Não
	4ªfeira	17-dez-14	SIM
	5ªfeira	25-dez-14	Não

ANO 2015

Mês	Dia da semana	Dia do mês	Matéria Jornalística
Janeiro	6ªfeira	2-jan-15	Não
	SAB	10-jan-15	SIM
	DOM	11-jan-15	Não
	2ªfeira	19-jan-15	SIM
	3ªfeira	27-jan-15	Não
Fevereiro	4ªfeira	4-fev-15	Não
	5ªfeira	12-fev-15	Não
	6ªfeira	20-fev-15	SIM
	SAB	28-fev-15	SIM
Março	DOM	1-mar-15	Não
	2ªfeira	9-mar-15	Não
	3ªfeira	17-mar-15	Não
	4ªfeira	25-mar-15	SIM
Abril	5ªfeira	2-abr-15	Não
	6ªfeira	10-abr-15	Não
	SAB	18-abr-15	Não
	DOM	19-abr-15	SIM
	2ªfeira	27-abr-15	SIM
Mai	3ªfeira	5-mai-15	SIM
	4ªfeira	13-mai-15	SIM
	5ªfeira	21-mai-15	Não
	6ªfeira	29-mai-15	Não
Junho	SAB	6-jun-15	Não
	DOM	7-jun-15	Não
	2ªfeira	15-jun-15	Não
	3ªfeira	23-jun-15	Não

ANEXO 2 – Noticiário sobre dengue na Baixada Santista veiculado pelo Jornal A Tribuna, no período de Julho de 2012 a junho de 2015

Nº	Data	Título e subtítulo	Município
1	16/10/12	Dengue preocupa mais que malária	Bertioga
2	1/11/12	Dengue cresce 335% em relação a 2011. / Índice considera registros até setembro. Pode piorar com o verão	Santos
3	28/12/12	Calor, chuva e risco de dengue: cuidado / Temor é com vírus tipo 4, que tem alto potencial de contaminação	Santos
4	5/1/13	Nova administração combate à dengue pelas residências da orla	Santos
5	7/2/13	Mosquitos da dengue dividem espaço com usuários de droga / Funcionários de instituto ao lado de terreno da Conselheiro Nébias estão contaminados	Santos
6	12/3/13	Dengue cria uma tragédia familiar / Menos de uma semana depois de enterrar a filha de 16 anos com suspeita de dengue, agora é a mãe que está com a doença	Santos
7	12/3/13	Armadilha e orientação contra a dengue	Guarujá
8	12/3/13	Metade das suspeitas e confirmada	Guarujá
9	20/3/13	Dengue avança: já são 2116 casos / É como se a cada dia quase 28 pessoas na Baixada Santista contraíssem a doença	Santos
10	20/3/13	Rapaz é diagnosticado de forma equivocada	Santos
11	28/3/13	Dengue vira epidemia; há morte suspeita / Jovem seria do tipo hemorrágico	Santos
12	13/4/13	SV confirma 1ª morte por dengue / Estudante de 34 anos morreu em 15 de março. Família, contudo, suspeita de que tenha sido infectada em Santos	Santos
13	13/4/13	Outro óbito em Bertioga, mas falta laudo	Bertioga
14	14/4/13	Dengue faz 1ª vítima fatal em Guarujá / Uma mulher de 44 anos não resistiu e morreu no Hospital Santo Amaro. O atestado de óbito indica evidências de hemorragia interna.	Guarujá
15	8/5/13	Dengue próxima dos 20 mil casos / Na última semana, aumento foi de 4, 29% na Baixada Santista. As mortes já somam 11, com mais três confirmações em Cubatão	Santos
16	8/5/13	Nas salas de espera dos PSs, dengue dá lugar à gripe	Santos
17	18/10/13	Reforço contra a dengue em 2014 / Prefeituras estudam ampliar o número de agentes para conter o avanço do mosquito, que causou a morte de 24 pessoas neste ano	Santos
18	20/11/13	Região em alerta contra a dengue / Guarujá, Peruíbe e São Vicente estão entre os municípios brasileiros onde há larvas do mosquito. Prefeituras anunciam providências	Santos
19	6/12/13	Região já soma 120 casos de dengue / Guarujá, Peruíbe e São Vicente em estado de alerta para a doença: Santos teve redução no número em relação ao ano passado	Santos
20	6/12/13	Cidades estão em alerta contra o mosquito	Cubatão
21	1/2/14	Dengue tem queda, mas alerta segue / Santos continua combatendo o mosquito	Santos

Nº	Data	Título e subtítulo	Município
22	10/9/14	Dengue preocupa e já mobiliza autoridades de Saúde santistas	Santos
23	18/9/14	Nova febre mobiliza Saúde na região / Secretarias municipais capacitam equipes para possíveis casos de chikungunya, doença que é transmitida pelo mosquito da dengue	Santos
24	30/11/14	Empresários apresentam a máquina mata-mosquitos / Dupla de Praia Grande crê que equipamento pode ajudar no combate à dengue no Brasil	Praia Grande
25	17/12/14	Dengue põe Saúde de Santos em alerta / Em audiência na Câmara, Secretário de Saúde Marcos Calvo afirma que a cidade " <i>já está chegando nesse patamar</i> ", falta só um caso	Santos
26	10/1/15	Dengue na mira de Santos / Com apoio do Sistema A Tribuna de Comunicação, Cidade declara guerra contra a proliferação do mosquito que transmite a doença	Santos
27	19/1/15	Dengue na região é fonte de pesquisa / Série de estudos do Hospital Ana Costa, USP e de uma universidade holandesa sobre casos da doença na BS pode até originar vacina	Santos
28	19/1/15	Prefeitura usa resultado de artigo	Santos
29	20/2/15	Dengue preocupa Litoral Sul	Itanhaém
30	28/2/15	Avanço da dengue assusta Mongaguá / Cidade lidera número de casos na região	Mongaguá
31	25/3/15	Seis mortes na BS podem ter sido provocadas pela dengue / A suspeita de contaminação é investigada	Santos
32	25/3/15	Registros dos casos são divergentes	Mongaguá
33	25/3/15	Epidemia sobrecarrega Itanhaém	Itanhaém
34	19/4/15	Saúde capacita mais de 200 funcionários	Santos
35	27/4/15	Alunos criam fábulas sobre a dengue a partir de reportagens / Em escola de Santos, estudantes contextualizam o problema da doença soltando a imaginação	Santos
36	27/4/15	Dengue muda rotina de unidades de saúde nas cidades da região / Sistemas privado e público alteram atendimento de pacientes	Santos
37	5/5/15	Confirmadas mais mortes por dengue / Dois moradores de Santos, um jovem de 13 anos e um homem de 52, viviam no mesmo bairro, o São Manoel; na região, 6376 doentes	Santos
38	5/5/15	Mais duas doenças podem surgir	Santos
39	5/5/15	Plano de Saúde tem novo serviço	Santos
40	13/5/15	Família denuncia morte por dengue / Certidão de óbito de corretor de imóveis de Santos indica doença como uma das causas de seu falecimento, em 7 de fevereiro	Santos
41	13/5/15	Estado aponta 4 óbitos no ano devido à doença	Santos
42	13/5/15	Bertioga: resultado deve sair hoje	Bertioga
43	13/5/15	População aponta possíveis criadouros	Bertioga

ANEXO 3 – Análise em fotografias sobre a dengue em Santos veiculadas no Jornal A Tribuna no período de 2012 a 2015.

Nº Matéria	Data	Título da matéria	Colorida ou PB	Enquadramento
1	1/11/12	Dengue cresce 335% em relação a 2011	Color	CUP - <i>Close up</i>
2	28/12/12	Calor, chuva e risco de dengue: cuidado	Color	PG - Plano geral
3	5/1/13	Nova administração começa combate à dengue pelas residências da orla	Color	PM - Plano médio
4	7/2/13	Mosquitos da dengue dividem espaço com usuários de droga	PB	PG - Plano geral
4	7/2/13	Mosquitos da dengue dividem espaço com usuários de droga	PB	PG - Plano geral
4	7/2/13	Mosquitos da dengue dividem espaço com usuários de droga	PB	PG - Plano geral
5	12/3/13	Dengue cria uma tragédia familiar	Color	PG - Plano geral
5	12/3/13	Dengue cria uma tragédia familiar	Color	PPP - Primeiríssimo plano próximo
6	20/3/13	Dengue: casos já somam 2116 na BS	Color	CUP - <i>Close up</i>
6	20/3/13	Dengue: casos já somam 2116 na BS	Color	PG - Plano geral
8	28/3/13	Dengue vira epidemia; há morte suspeita	Color	PM - Plano médio
8	28/3/13	Dengue vira epidemia; há morte suspeita	Color	PM - Plano médio
9	13/4/13	SV confirma 1ª morte por dengue	Color	PM - Plano médio
10	8/5/13	Dengue próxima dos 20 mil casos	Color	PM - Plano médio
11	8/5/13	Nas salas de espera dos PS's , dengue dá lugar à gripe	Color	CUP - <i>Close up</i>
13	20/11/13	Região em alerta contra a dengue	Color	CUP - <i>Close up</i>
13	20/11/13	Região em alerta contra a dengue	Color	PG - Plano geral
14	6/12/13	Região já soma 120 casos de dengue	Color	CUP - <i>Close up</i>
15	1/2/14	Dengue tem queda, mas alerta segue	Color	CUP - <i>Close up</i>
15	1/2/14	Dengue tem queda, mas alerta segue	Color	PM - Plano médio
16	10/9/14	Dengue preocupa e já mobiliza autoridades de saúde santistas	PB	PG - Plano geral
18	17/12/14	Dengue põe Saúde de Santos em alerta	PB	PG - Plano geral
20	19/1/15	Dengue na região é fonte de pesquisa	Color	TM - Tomada de rosto
21	19/1/15	Prefeitura usa resultado de artigo	Color	PG - Plano geral
24	27/4/15	Alunos criam fábulas sobre a dengue a partir de reportagens	Color	PG - Plano geral
25	27/4/15	Dengue muda rotina de unidades de saúde nas cidades da região	PB	PG - Plano geral
26	5/5/15	Confirmadas mais mortes por dengue	Color	TM - Tomada de rosto
26	5/5/15	Confirmadas mais mortes por dengue	Color	TM - Tomada de rosto
27	5/5/15	Mais duas doenças podem surgir	Color	PG - Plano geral
29	13/5/15	Família denuncia morte por dengue	Color	TM - Tomada de rosto

ANEXO 4 – Análise textual em noticiário sobre a dengue em Santos veiculadas pelo Jornal A Tribuna, no período de 2012 a 2015.

Nº	Data	Título e subtítulo	Tema Lide/Sublide	Categoria	Subcategoria
1	1-nov-12	Dengue cresce 335% em relação a 2011. / Índice considera registros até setembro. Pode piorar com o verão	Incidência/ Epidemia	2 - Doença dengue	2.2 - Incidência, prevalência e epidemia
2	28-dez-12	Calor, chuva e risco de dengue: cuidado / Temor é com vírus tipo 4, que tem alto potencial de contaminação	Sorotipo 4/ Ecologia dengue	2 - Doença dengue	2.4 - Sorotipos 1,2,3 e 4
3	5-jan-13	Nova administração combate à dengue pelas residências da orla	Mutirão agentes/	3 - Medidas de controle do mosquito vetor	3.5 - Mutirão/ Retirada de criadouro por agentes de saúde
4	7-fev-13	Mosquitos da dengue dividem espaço com usuários de droga / Funcionários de instituto ao lado de terreno da Conselheiro Nébias estão contaminados	Denúncia de criadouro	3 - Medidas de controle do mosquito vetor	3.1 - Denúncia de criadouros
5	12-mar-13	Dengue cria uma tragédia familiar / Menos de uma semana depois de enterrar a filha de 16 anos com suspeita de dengue, agora é a mãe que está com a doença	Óbito por dengue; Doença, sintomas dengue.	2 - Doença dengue	2.1 – Letalidade
6	20-mar-13	Dengue avança: já são 2116 casos / É como se a cada dia quase 28 pessoas na Baixada Santista Contrássem a doença	Incidência/ Sorotipo 4	2 - Doença dengue	2.2 - Incidência, prevalência e epidemia
7	20-mar-13	Rapaz é diagnosticado de forma equivocada	Leptospirose / Leptospirose	V - Outros	5.2 – Leptospirose
8	28-mar-13	Dengue vira epidemia; há morte suspeita / Jovem seria do tipo hemorrágico	Epidemia / Letalidade	2 - Doença dengue	2.1 – Letalidade
9	13-abr-13	SV confirma 1ª morte por dengue / Estudante de 34 anos morreu em 15 de março. Família, contudo, suspeita de que tenha sido infectada em Santos	Letalidade / Letalidade	2 - Doença dengue	2.1 – Letalidade
10	8-mai-13	Dengue próxima dos 20 mil casos / Na última semana, aumento foi de 4, 29% na Baixada Santista. As mortes já somam 11, com mais três confirmações em Cubatão	Incidência /Letalidade	2 - Doença dengue	2.2 - Incidência, prevalência e epidemia
11	8-mai-13	Nas salas de espera dos PSs, dengue dá lugar à gripe	H1N1 / diminui dengue aumenta H1N1	V - Outros	5.1 - H1N1
12	18-out-13	Reforço contra a dengue em 2014 / Prefeituras estudam ampliar o número de agentes para conter o avanço do mosquito, que causou a morte de 24 pessoas neste ano	Agente endemia / larvicida	3 - Medidas de controle do mosquito vetor	3.3 - Contratação e/ou capacitação de agentes de endemias
13	20-nov-13	Região em alerta contra a dengue / Guarujá, Peruíbe e São Vicente estão entre os municípios brasileiros onde há larvas do mosquito. Prefeituras anunciam providências	Controle, alerta focos larvas / Epidemia	3 - Medidas de controle do mosquito vetor	3.4 - Mutirão/ Retirada de criadouro por agentes de saúde
14	6-dez-13	Região já soma 120 casos de dengue / Guarujá, Peruíbe e São Vicente em estado de alerta para a doença: Santos teve redução no número em relação ao ano passado	Epidemia/ alerta mosquito	4 - O mosquito <i>Aedes aegypti</i>	4.2 - Infestação de mosquitos
15	1-fev-14	Dengue tem queda, mas alerta segue / Santos continua combatendo o mosquito	Diminuição casos dengue / infesta mosqu	4 - O mosquito <i>Aedes aegypti</i>	4.2 - Infestação de mosquitos
16	10-set-14	Dengue preocupa e já mobiliza autoridades de Saúde santistas	Casos de dengue / plano de ação combate dengue	3 - Medidas de controle do mosquito vetor	3.4 - Mutirão/ Retirada de criadouro por agentes de saúde

Nº	Data	Título e subtítulo	Tema Lide/Sublide	Categoria	Subcategoria
17	18-set-14	Nova febre mobiliza Saúde na região / Secretarias municipais capacitam equipes para possíveis casos de chikungunya, doença que é transmitida pelo mosquito da dengue	Chikungunya / Ae.aegypti	4 - O mosquito <i>Aedes aegypti</i>	4.3 - Zika e chikungunya
18	17-dez-14	Dengue põe Saúde de Santos em alerta / Em audiência na Câmara, Secretário de Saúde Marcos Calvo afirma que a cidade " <i>já está chegando nesse patamar</i> ", falta só um caso	Incidência / controle educativo	3 - Medidas de controle do mosquito vetor	3.4 - Mutirão/ Retirada de criadouro por agentes de saúde
19	10-jan-15	Dengue na mira de Santos / Com apoio do Sistema A Tribuna de Comunicação, Cidade declara guerra contra a proliferação do mosquito que transmite a doença	Controle educ. / Casos dengue	1 - Prevenção da dengue	1.1 - Ações educativas oficiais e disk dengue
20	19-jan-15	Dengue na região é fonte de pesquisa / Série de estudos do Hospital Ana Costa, USP e de uma universidade holandesa sobre casos da doença na BS pode até originar vacina	Vacina, pesquisa/ Prevenção	1 - Prevenção da dengue	1.2 - Informações preventivas mídia
21	19-jan-15	Prefeitura usa resultado de artigo	Vacina, pesquisa doença/ Prevenção	1 - Prevenção da dengue	1.4 - Vacina dengue
22	25-mar-15	Seis mortes na BS podem ter sido provocadas pela dengue / A suspeita de contaminação é investigada	Letalidade / epidemia	2 - Doença dengue	2.1 – Letalidade
23	19-abr-15	Saúde capacita mais de 200 funcionários (NOTA)	Controle / capacitação agentes endemia	3 - Medidas de controle do mosquito vetor	3.3 - Contratação e/ou capacitação de agentes de endemias
24	27-abr-15	Alunos criam fábulas sobre a dengue a partir de reportagens / Em escola de Santos, estudantes contextualizam o problema da doença soltando a imaginação	Controle educ. / escola	1 - Prevenção da dengue	1.3 - Mobilização popular
25	27-abr-15	Dengue muda rotina de unidades de saúde nas cidades da região / Sistemas privado e público alteram atendimento de pacientes	Epidemia / casos dengue	2 - Doença dengue	2.2 - Incidência, prevalência e epidemia
26	5-mai-15	Confirmadas mais mortes por dengue / Dois moradores de Santos, um jovem de 13 anos e um homem de 52, viviam no mesmo bairro, o São Manoel; na região, 6376 doentes	Letalidade / Epidemia	2 - Doença dengue	2.1 – Letalidade
27	5-mai-15	Plano de Saúde tem novo serviço	Doença atendimento doentes	2 - Doença dengue	2.2 - Incidência, prevalência e epidemia
28	5-mai-15	Mais duas doenças podem surgir	Chikungunya / Zika	4 - O mosquito <i>Aedes aegypti</i>	4.3 - Zika e chikungunya
29	13-mai-15	Família denuncia morte por dengue / Certidão de óbito de corretor de imóveis de Santos indica doença como uma das causas de seu falecimento, em 7 de fevereiro	Letalidade Doença	2 - Doença dengue	2.2 - Incidência, prevalência e epidemia
30	13-mai-15	Estado aponta 4 óbitos no ano devido à doença	Letalidade Doença	2 - Doença dengue	2.1 – Letalidade

Anexo 5 –Categoria final e subcategorias de análise de conteúdo do noticiário sobre dengue em Santos, no Jornal *A Tribuna*, no período de 2012 a 2015

Categoria final		Subcategorias
I- Prevenção da dengue	1.1	Ações educativas oficiais e disk dengue
	1.2	Divulgação de informação sobre prevenção da dengue pelo jornal
	1.3	Mobilização popular
	1.4	Vacina dengue
II- Doença dengue	2.1	Letalidade
	2.2	Incidência, prevalência e epidemia
	2.3	Tipos de dengue, sintomas e tratamento
	2.4	Sorotipos 1, 2, 3 e 4
III- Medidas de controle do mosquito vetor	3.1	Denúncia de criadouros- população
	3.2	Aplicação de inseticidas -larvicida e fumacê
	3.3	Contratação e capacitação de agentes de endemias
	3.4	Mutirão/ Retirada de criadouro por agentes de saúde
IV- O mosquito vetor <i>Aedes aegypti</i>	4.1	Bioecologia do mosquito
	4.2	Infestação do mosquito
	4.3	Doença chikungunya e Zika
V- Outros	5.1	Doença H1N1
	5.2	Doença Leptospirose
	5.3	Multa a proprietários que impedem a fiscalização e entrada de agentes no domicílio
	5.4	Plano de saúde com atendimento específico para pacientes com dengue

ANEXO 6 – Capas de jornal com noticiário sobre a dengue em Santos, no período de 2012 a 2015.

Data	Título na capa do jornal	Fotografia	Temas	Localização na Capa
01/nov/12	Dengue tem crescimento de 335,6% em Santos. Aumento compara 9 meses do ano passado e de 2012	Não	Incidência; Sorotipo 4	Manchete principal - com texto
12/mar/13	Dengue vira um drama familiar na Encruzilhada	Não	Letalidade	Chamada E MAIS – sem texto
20/mar/13	Dengue avança: já são 2116 casos. É como se a cada dia quase 28 pessoas na Baixada Santista contraíssem a doença	Não	Incidência, epidemia; Sorotipo 4	Manchete principal – com texto
13/abr/13	Confirmada a primeira morte por dengue	Não	Letalidade	Chamada E MAIS – sem texto
08/mai/13	Número de casos de dengue se aproxima dos 20 mil na região	Não	Morbidade	Chamada E MAIS – sem texto
18/out/13	Mais de 600 agentes na luta contra a dengue.	Não	Combate dengue	Nota / Box – com texto
10/jan/15	Prefeitura adota novas ações para combater a dengue	Não	Combate dengue	Chamada E MAIS – sem texto
25/mar/15	Há seis mortes por suspeita de dengue. Autoridades epidemiológicas do Estado e dos municípios da região investigam ocorrências	Não	Letalidade e epidemia	Manchete Principal –com texto
27/abr/15	Dengue altera a rotina das unidades de saúde na região. Atendimento é intensificado	Não	Morbidade	Chamada – sem texto
05/mai/15	Confirmadas outras duas mortes por dengue	Não	Letalidade e morbidade	Nota – com texto
13/mai/15	Outra morte por dengue é investigada	Não	Letalidade	Nota – com texto

ANEXO 7 – Matérias jornalísticas sobre a dengue em Santos veiculadas pelo Jornal A Tribuna, no período de 2012 a 2015.